

humanitas

Vol. LIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. LIII • MMI



O DESAFIO DAS DIFERENÇAS ÉTNICAS EM HERÓDOTO UMA QUESTÃO DE INTELIGÊNCIA E DE SABER (2)¹

MARIA DE FÁTIMA SILVA
Universidade de Coimbra

Abstract: The Persian conquest politics through successive military campaigns moves, from Darius on, to west, particularly towards Cythia and Greece. So farther and remote, so much unknown is that adversary, that the Persian king despises for ignorance, but against whom he will show unprovided of means and efficacious strategies. Called to render concrete the enterprise planned by his father — the promising conquest of Greece —, Xerxes acts with the same ignorance and imprudence. The enemy potentialities will be known too late on the field. That adversary seems ridiculous to him, parsimonious of means, indisciplined in his willingness for liberty, impotent for the invaders forces disproportion. But what, beyond the appearances, constituted the advantage of the Greeks — the understanding of the campaign contingencies and the resolution of the adequate strategies, changing in merit what seemed a fault, creating advantage of the number scarcity and resources poverty —, was the Great King ever unable to understand. So, not only did he retreat vanquished out of the battle field, but specially dominated by what are the great victories of intelligence and knowledge.

Foi para questões da organização interna de um império que se dirigiu inicialmente a política de Dario, o sucessor de Cambises no trono da Pérsia. Mas depois de pacificado e reordenado o território, o rei, por instigação de Atossa, acordou para a necessidade de prosseguir com o lema de conquista que,

¹ Depois de um primeiro artigo, publicado em *Humanitas* 52, 2000, pp. 3-26, em que este tema foi abordado de acordo com a experiência do imperialismo persa em terras do oriente e do Egípto, vamos agora prolongar a reflexão ao avanço do mesmo invasor em território europeu.

por tradição, norteava a corte persa (3. 134). Foi então para ocidente que os olhos de ambos se voltaram, para a Cítia os de Dario, directamente para a Grécia os de Atossa. Este episódio famoso – o da conversa do par real sobre a futura expansão do império persa, como dos alvos a atingir com prioridade – retoma o tema convencional da atitude de um conquistador em potência face ao povo a submeter. O rei considera como primeiro objectivo da sua vontade (ἐπιθυμέω, 3. 134. 4) a hipótese da Cítia e nesta ‘reflexão’ vai contida uma ponderação (βεβούλευμαι, 3. 134. 4) racional do projecto a implementar: construir uma ponte para vencer a eterna barreira líquida que, numa campanha limite, normalmente se opõe ao invasor. É convicção do rei que pouco tempo bastará à concretização dos planos; certeza que tem implícitos os erros habituais, o pressuposto da facilidade da empresa que é ao mesmo tempo o menosprezo intuitivo pela capacidade de resistência do rival. O tom de Atossa, na defesa que faz do seu ponto de vista, é ainda mais significativo; os Cítas podem esperar porque fácil será a sua conquista: ‘Quando quiseres, serão teus’, reafirma a rainha a um Dario que pretende seduzir para outras prioridades (3. 134. 5). A sua proposta é mais ousada e justifica-se por um desejo irrefreável, que tem o sabor da imponderação: ‘Quanto sei pelo que me tem chegado aos ouvidos, eu quero ...’ (ἐπιθυμέω γὰρ λόγῳ πυνθανομένη, 3. 134. 5). Cabe desta vez a Atossa o desempenho do papel do conselheiro e, como Cresos a argumentar com Ciro junto do Araxes na iminência do ataque contra os Masságetas, também a rainha se não limita a estimular a decisão do monarca num determinado sentido, mas avança mesmo com uma estratégia. Neste caso – aconselhada por Democedes, o médico grego de confiança do par real –, Atossa recomenda uma missão de reconhecimento que o próprio Democedes poderá chefiar; como grego que é, ele detém a melhor competência para uma informação sobre o alvo grego (ἐπιτηδεότατον ἀνδρῶν πάντων, 3. 134. 5). Mas também como Cresos ao esquematizar os interesses persas no ataque contra os Masságetas – omitindo, na fórmula das probabilidades, um possível desfecho que é o que vem a realizar-se –, Atossa, neste seu conselho avisado de que se não dispense o conhecimento prévio do inimigo, ou na recomendação de Democedes como o detentor da competência necessária, abdica de um pormenor fundamental: o de que, exactamente por ser grego, Democedes acumulava com as vantagens inconvenientes óbvios para tal missão.

Dario adere sem resistência, nesta que projecta como a sua primeira campanha de vulto, ainda atento à necessidade de conhecer o terreno adversário; soam familiares ao leitor de Heródoto as suas palavras de precaução: que se

enviem observadores persas sob o comando de Democedes,

οἱ μαθόντες καὶ ἰδόντες, ἐξαγγελέουσι ἕκαστα αὐτῶν ἡμῖν καὶ
ἔπειτα ἐξεπιστάμενος ἐπ' αὐτοὺς τρέψομαι.

*que nos anunciem cada pormenor do que conheceram e viram na terra
deles; então, detentor de uma informação segura, eu avançarei contra os Gregos.*

(3. 134. 6)

Depois de proceder à conquista de Samos e de Babilónia, Dario irá dar execução ao projecto que o ouvimos debater com a rainha. Simplesmente como Democedes, por logro, conseguira escapar aos Persas que chefiava e realizar o sonho da sua vida – o regresso à pátria –, o objectivo da missão, obter informações seguras sobre a Grécia, ficara sem resultado.

É sem qualquer tipo de justificação que a abertura do Livro IV nos confronta com o avanço, sob seu comando pessoal, das tropas de Dario contra a Cítia. Talvez o insucesso da missão de reconhecimento da Grécia a isso o tenha determinado. Mas mal se anunciava laconicamente esta decisão, passa-se a uma longa série de 82 capítulos que Heródoto dedica inteiramente à caracterização do povo cita, para só no final retomar o tema do avanço dos Persas. É conhecida a minúcia com que o autor de *Histórias* informa sobre a identidade de alguns povos, o egípcio em particular; e os Citas merecem-lhe igualmente uma atenção alongada, talvez porque esta campanha represente, na expansão persa, o primeiro passo significativo em território europeu. Esperava decerto Heródoto, por outro lado, despertar o interesse do seu público para a diversidade étnica e cultural em que se repartia um povo, cujo território se estendia da China até ao Danúbio, debaixo de uma coesão inegável em diversas práticas comuns. Para as ambições da corte persa, os Citas representavam um grande projecto, que se seguia, em marcha progressiva, à sempre importante submissão de Babilónia consumada pela segunda vez sob a autoridade de Dario; sem que a primeira travessia em direcção à Europa deixasse de constituir, em termos de futuro, um caminho aberto para o auge do mesmo projecto, a conquista da Grécia, que se viria a ensaiar de forma decisiva com Xerxes.

A descrição pormenorizada que Heródoto faz das origens, do terreno, das práticas e costumes citas, a preceder a campanha propriamente dita, dá-nos a medida do inimigo que Dario se preparava para defrontar e de alguns dos seus traços fundamentais. De modo que a amplitude e as dificuldades do projecto se tornam evidentes. No entanto, o vocabulário com que se exprimem as causas

desta campanha não deixa dúvida sobre o espírito com que o rei a empreendeu. Foi, antes de mais, a prosperidade da Ásia em homens e recursos a servir de estímulo para um novo programa de expansão. Este potencial que define um império já poderoso é o traço de caracterização da força, que parece dar uma vantagem firme a quem a possui. Senhor desse poder, Dario ‘desejou’ (ἐπεθύμησε, 4. 1. 1) tirar dos Citas a desforra devida à sua anterior ocupação da Média. Se ἐπιθυμέω, no uso que Heródoto lhe deu em situações paralelas², significa um sentimento de desejo, mais apaixonado do que racional, não estranharemos que Dario prescindia de um reconhecimento do inimigo e se precipite com teimosia na aventura. E que aventura!

Dos traços etnográficos e geográficos com que Heródoto caracteriza os Citas são de valorizar aqueles que os colocam na galeria dos povos ‘primitivos ou selvagens’, lado a lado com os Masságetas ou com os Etíopes. Destaca-se, em primeiro lugar, a dieta, que depende dos produtos lácteos (4. 2), dos frutos das árvores que podem consumir misturados com o leite (4. 23. 2-3), da caça para certas tribos (4. 22), como ainda de alguns produtos agrícolas no caso dos grupos étnicos que trabalham os campos (4. 17-18); a abundância de rios assegura-lhes uma água pura e fresca, peixes de excelente qualidade (4. 53), além de erva viçosa para a alimentação do gado (4. 58). A riqueza de recursos naturais beneficia portanto um povo que parece, por isso mesmo, usar de uma grande simplicidade de vida. Como os povos seus semelhantes, os Citas não produzem vinho, nem consomem produtos alimentares preparados ou transformados. Mas nada lhes falta, e de primeira qualidade, para uma alimentação natural e rica.

Outras vantagens se somam a esta inestimável abundância. O ouro, que por tradição está presente nas lendas relativas às origens dos Citas (4. 5), converteram-no em valor sagrado, confiado à vigilância real, a quem dedicam todos os anos rituais de adoração (4. 7. 2). Para além do poder simbólico do ouro, é inegável o seu uso em objectos correntes, associado à velha lenda de Hércules, como ascendente último dos Citas, e ao seu cinto com fivela preciosa (4. 10). Por fim, a menção do clã remoto dos Grifos como guardiães do ouro (4. 27) esclarece sobre a generosidade mineral da terra em certos espaços remotos.

Lanças e arcos constituem o seu equipamento bélico tradicional (4. 3. 4), sendo a cavalaria o corpo de forças mais eficaz que possuem. Há-os também

² Cf. *supra* p. 4.

tão pacíficos, ou inatingíveis porque remotos, que nem armas têm, como é o caso dos Argipeus (4. 23. 5). De facto, para os Citas, talvez mais importante, como defesa, do que o equipamento bélico ou o potencial militar, seja ainda a mãe natureza. E Heródoto alonga-se nos pormenores descritivos do terreno, do clima e do tipo de vida adequado a essas condições ambientais.

Todo o plano geográfico do território é repartido por uma rede impressionante de rios, que distribuem as tribos, determinam a economia regional e decidem da circulação dos povos. São portanto barreiras naturais que retalham um terreno imenso e controlam as comunicações. A própria extensão é profiláctica, perante a curiosidade de qualquer mortal, mantendo os lugares mais periféricos totalmente impenetráveis (4. 16, 25). Por sua vez o clima gelado preserva a inacessibilidade de alguns territórios que mal se vêem, cobertos de flocos de neve (4. 7), e se tornam intransponíveis (4. 7, 28, 31).

Enquadrados por estas características ambientais, os Citas desenvolveram hábitos de vida próprios (4.47. 1). Decerto que a variedade pondera, condicionada pela multiplicidade de características de uma extensão vastíssima. Mas, na interpretação grega, é o nomadismo como regime de vida o traço identificativo deste grupo populacional³. Assim os define desde logo Heródoto (4. 2. 2) – ‘é que não são agricultores, são nómadas’ – e toda a história da sua existência se regula por este factor. O mito das suas origens, na versão que lhes atribui como progenitor Hércules, fala das éguas que se extraviaram e que levaram o herói viajante, ao tentar recuperá-las, a procriar a descendência cita com uma entidade feminina local. O cavalo aparece assim, desde as origens, como o aliado de um regime de vida que assenta numa constante migração (4. 2, 9-10, 28). Mais racional, a hipótese que vê nos Citas uma mescla de povos, salienta o factor movimentação de tribos como a causa última de uma definição e redefinição constante de práticas e de traços culturais (4. 11). As habitações adaptam-se a este regime, precárias e móveis, sob a forma de tendas (4. 23. 4) ou de carroças com a habitação incorporada. Deste costume tão próprio dos Citas só pode

³ Vide F. Hartog, ‘La question du nomadisme: les Scythes d’Hérodote’, *Acta Antiqua* 27, 1979, pp. 135-148, que discute, dentro do relato cita de Heródoto, pormenores que restringem esta interpretação demasiado generalizante: se o nomadismo é indiscutivelmente uma prática cita, será todavia excessivo impô-la como a sua marca, ou exclusiva ou global. S. West (‘The Scythian ultimatum (Herodotus IV. 131, 132)’, *JHS* 108, 1988, pp. 207-211) retoma o mesmo problema, valorizando sobretudo o aproveitamento de uma tradição que permite ao historiador desenvolver melhor um processo esquemático de contrastes.

Heródoto concluir do seu enorme ascendente sobre os outros povos, por terem descoberto uma forma eficaz de resistirem às invasões inimigas: ‘É uma gente que não tem cidades, nem muralhas; andam de casa às costas e todos eles são arqueiros a cavalo; não vivem da agricultura, mas da criação de gado, e as casas levam-nas com eles nas carroças. Um povo assim, como é que não há-de estar protegido de ataques e inacessível?’ (4. 46. 3).

É depois de acumular uma vasta súpula de pormenores para caracterizar os Citas que Heródoto retoma, em 4. 83, o plano da campanha de Dario de que eles são o alvo. Desdobrava-se o rei em preparativos, na mobilização de um exército de terra e de mar recrutado por todo o império, como no esforço de construção de uma ponte que lhe permitisse ultrapassar a inevitável barreira líquida, quando a voz reprovadora de um conselheiro, o seu próprio irmão, se fez ouvir. Decerto por ter a percepção de que o entusiasmo de Dario não seria susceptível de escutar palavras de desistência, Artabano insistia apenas em que Dario a não chefiasse pessoalmente; o motivo invocado é, como é natural, as dificuldades previsíveis por parte dos Citas (τῶν Σχυθῆων τὴν ἀπορίην, 4. 83. 1). Pela primeira vez, o optimismo desde sempre demonstrado por Dario e Atossa em relação a esta campanha esbarra com a consciência dos problemas, da parte de um homem avisado que, sem fugir à regra, não logrou fazer-se ouvir (οὐ γὰρ ἔπειθε συμβουλευόν οἱ χρηστά, 4. 83. 2). Mas a única resposta foi o frenesi do rei, expresso em significativas palavras: ‘Enquanto Dario fazia os preparativos (...); (...) terminados os preparativos’, que abrem e fecham este capítulo. Todo empenhado na acção, o monarca não parou para ouvir um familiar e cortesão sensato, que, por sua vez, se desdobra sem sucesso na espinhosa missão de o demover. Incentivava-o a determinação, o número fantástico de homens sob seu comando, e o espectáculo de um poder a que a amplitude do Bósforo, onde todas as forças alinharam à hora de partir, dava o enquadramento conveniente.

Numa primeira fase, o avanço persa apanha os inimigos totalmente desprevenidos. Repartidos em tribos, desorganizados, cada um reagiu à invasão de forma diferente (4. 93): uns não opuseram sequer resistência, enquanto outros, os Getas, que gozavam de fama de corajosos e justos, os enfrentaram sem sucesso; Heródoto, de modo lacónico, justifica esta derrota com a reacção ‘imponderada’, sem um verdadeiro conhecimento, por que o fizeram (πρὸς ἀγνώμοσύνην, 4. 93). Chegado à foz do Danúbio, que tornara acessível com a construção de mais uma ponte, Dario dá aos Iónios que o seguiam ordem de a destruir depois de utilizada. Visivelmente esta não seria a sua rota de regresso e

talvez quisesse evitar qualquer golpe de surpresa pela retaguarda. Foi então que, de novo e desta vez com sucesso, um outro conselho se fez ouvir, o do comandante das tropas de Mitilene. Dario não repetiu o comportamento de Ciro quando junto ao Araxes reuniu um conselho à procura de algum incentivo à sua hesitação. Talvez porque nem as dúvidas o perturbassem, limitou-se a fazer constar que escutaria as sugestões que lhe quisessem trazer. Foi assim que Coes pôde desdobrar a seus olhos o que queria dizer a ἀπορία que Artabano antes referira: a primeira dificuldade resulta do nomadismo cita, que deixa as terras sem cultivo e as cidades vazias, e fugidio um alvo que não se sabe onde pára; mesmo sendo certa a supremacia do poderio militar persa, talvez nem a oportunidade surgisse de enfrentar o inimigo em campo aberto. Em compensação destas reais dificuldades, Coes sugeriu a prudência elementar de se manter funcional a ponte, para o caso de algum imprevisto; sem se atrever, também ele, a contrariar abertamente o projecto, com fundado receio de qualquer reacção violenta da vontade real. Esta cautela, a que o rei acedeu sem resistência e decerto sem ponderação efectiva⁴, impediria a campanha de se saldar no suicídio louco de um povo poderoso (4. 97).

Com o progresso do conflito, os Citas começaram a tomar consciência da necessidade de preparar uma estratégia e de mobilizar os diversos povos. Davam-se assim os primeiros passos para uma resistência (4. 102). Depois de pesadas as possibilidades, e sobretudo porque não houve uma coesão de forças e de objectivos desde o início entre as tribos, a política implementada foi a de evitar confrontos directos e frontais com o inimigo, mas pelo contrário de iniciar uma fuga, tendo o cuidado de eliminar poços e quaisquer produtos do solo à sua passagem. Atraíam deste modo o invasor a uma corrida esgotante e sem destino, com dificuldades de abastecimento. Cumpria-se a previsão de Artabano, como mais tarde a de Coes. Dario reagiu também como esperado, prestando-se ao isco inimigo. Na peugada da cavalaria cita, começou o seu périplo por um enorme território que desconhecia. Não satisfeito com esta cedência estratégica, o rei persa chegou mesmo a iniciar, nos bordos do deserto a norte, a construção de uma fortaleza, repartida em oito castelos que definiam um espaço de resistência

⁴ Curiosamente a reacção régia, que exprime a aceitação da proposta, é traduzida por Heródoto em termos de ‘achar interessante’ ou, quase diríamos, de ‘cair-lhe no goto’: ἡσθη τῆ γνῶμη. Qualquer coisa de simplesmente intuitivo, mais do que a percepção séria de uma realidade dura que se patenteava à sua frente, é o que estas palavras exprimem, num contraste flagrante entre a leviandade de quem ouve (ἡσθη) e a sensatez de quem sugere (τῆ γνῶμη).

sedentária (4. 124). Em breve, ainda nem este esforço de edificação produzia frutos, se deu conta de que o inimigo desaparecera por completo e de que aquela forma de resistência não tinha qualquer sentido. Depois de abandonar os confins do território e de inverter a marcha, Dario recomeçou, mal o inimigo lhe fez sentir a sua presença, nova perseguição infrutífera.

Um tanto desconcertado com a situação que se prolongava sem resultados, o persa enviou uma mensagem ao chefe inimigo. Das suas palavras ressaltava uma incompreensão ainda arrogante. Este é o momento em que Heródoto acentua o significado profundo da sua versão da campanha cita: a distância imensa que separava as duas partes em termos de mútua compreensão e diálogo. Dario (4. 126) interpretava como fuga aquela marcha contínua e questionava-se sobre o seu objectivo: $\tau\acute{\iota}$ φεύγεις ἀεί; Depois propunha uma alternativa: ou o inimigo arriscava enfrentar o invasor em campo aberto, ou pura e simplesmente se entregava sem resistência ao seu novo senhor.

Foi para o rei espantosa a resposta do cita: aquilo que ao persa parecia fuga não passava de um comportamento habitual; em tempo de guerra, como de paz, o seu povo tinha o mesmo hábito: o de errar continuamente pelo território. Esta a grande ameaça que se coílocava a Dario, sobre a qual os avisos anteriores o não tinham elucidado, como continuava sem efeito esta explicação vinda do campo oposto. Desconhecer os hábitos citas tornava-o frágil diante deles. De resto – continuava Idantirso –, como não tinham agregados populacionais nem áreas agrícolas, que sentido faria travarem combate directo? O que estariam a defender com esse tipo de resistência? Uma única possibilidade os faria parar, porque em toda a sua vida errante só a morte os detinha: um ataque aos túmulos dos antepassados, essa seria a razão que os obrigaria a suspender a marcha e a lutar até à última gota de sangue. Com esta ameaça, o rei cita valorizava o respeito do seu povo pelos mortos, tão importante no dia-a-dia dos Citas que Heródoto lhe dedicara longas considerações (4. 71-73). Por fim, ao tom dominador de Dario, Idantirso respondia no mesmo tom: sacudia com sobrançeria, neste caso legítima, as rédeas do domínio com que o persa o ameaçava, declarava a sua independência que só à vontade dos deuses se dobraria, e prometia presentes, não os da rendição, mas os de uma enigmática declaração que caberia a Dario descodificar. Sem o saber, com o excesso de ameaças, o monarca invasor conseguia o que antes parecia difícil: a união de todas as tribos citas para um objectivo comum, o de repudiar a ameaça da submissão. Com este novo estado de coisas, o invadido ensaiou também uma

estratégia mais directa sobre o adversário: a de o impedir, com ataques relâmpago, de fazer qualquer abastecimento.

Esta nova atitude cita de confronto directo e pontual encaminhou a guerra num outro sentido e tornou visíveis mais diferenças entre os dois campos. No recurso à cavalaria, sempre os Citas levaram a melhor sobre os Persas, eles que tinham no cavalo um colaborador estreito ao seu regime de vida quotidiano; nada tinham, porém, que equivalesse à infantaria persa e este revelou-se-lhes um ponto desfavorável. Mais surpreendente ainda era o efeito que burros e mulos, que o acampamento invasor aglomerava como animais de transporte, tinham sobre os cavalos citas. Por não estarem familiarizados com eles, os cavalos reagiam em desordem ao seu aspecto e cheiro⁵. Foram-se então tornando manifestas, agora no terreno, as vantagens e desvantagens que a cada lado assistiam, como o modo de se explorar a diferença. E Heródoto de seguida demonstra que foram os Citas os que melhor acordaram para a exploração desses factores favoráveis. Provada a perturbação que a míngua de víveres causava ao inimigo, os Citas perceberam que essa seria uma experiência que lhe iria dizimando as capacidades. Utilizaram-na então com inteligência: para incentivarem os Persas a persistir – e com isso a cavar uma ruína completa – davam-lhes algumas facilidades de apreenderem gado de vez em quando, de forma a que o próprio moral inimigo passou a depender da sua vontade (4. 130). Com este jogo conseguiam uma primeira vantagem decisiva, porque logo Heródoto anuncia que, ao fim de várias experiências deste género, Dario ficou efectivamente sem saída (πολλάκις τούτου γενομένου τέλος Δαρειός τε ἐν ἀπορίησι εἶχετο, 4. 131. 1). Conseguido este primeiro êxito seguro, outro se lhe acrescentou por os Citas ‘terem compreendido’ (μαθόντες) que a vitória lhes estava agora nas mãos. Desafiaram então Dario, no seu embaraço, a tirar também as conclusões que se impunham (γινῶναι τὸ θέλει τὰ δῶρα λέγειν, 4. 131. 2). Fizeram-no sob a forma de um enigma, que lhe propuseram pela oferta de um rato, de uma rã, de uma ave e de cinco flechas. Incapaz de tirar por si uma conclusão firme, Dario reuniu finalmente um conselho perante o qual se fez a leitura da mensagem inimiga; sem prescindir, nem mesmo neste momento extremo, da convicção que tinha do seu ascendente, quis entender desta oferta a

⁵ É óbvia a semelhança entre esta situação e a que ocorreu antes com a neutralização da cavalaria lídia pela visão e cheiro dos camelos, que integravam o potencial de Ciro no ataque contra Sardes.

entrega total, da terra, do mar e da resistência armada. Mais sensato, Góbricas, um persa distinto e de patriotismo comprovado (4. 70-79), contrapôs-lhe uma leitura clarividente: que o universo inteiro, terra, mar e céu, seria pequeno para ocultar a derrota que esperava os Persas.

Faltava um último episódio concludente a provar a razão que assistia a Góbricas, o eco derradeiro das diversas vozes que se levantaram em alerta contra esta campanha. Postadas diante dos Persas, as forças citas não resistiram a perseguir, num entusiasmo descuidado, uma lebre que se infiltrou nas suas fileiras e provocou uma agitação total. Ao informar-se da razão do alarido que escutava à distância, Dario finalmente percebeu: percebeu o desprezo do inimigo (ἡμέων πολλὸν καταφρονέουσι, 4. 134. 2) que não demonstrava a mínima preocupação com a sua presença, e percebeu também que era Góbricas quem estava certo na interpretação que fizera das ofertas. Consumava-se a derrota persa, de que o inimigo estava já convencido, mas que a Dario se revelara apenas com uma prova flagrante, e iniciava-se uma fuga difícil para o ponto de partida. Obrigado a uma retirada vergonhosa, dificultada pelo próprio peso da máquina militar e pelo desconhecimento do terreno, Dario teria soçobrado por completo se não fosse a posição cobarde e interesseira dos Iónios guardiães da ponte sobre o Danúbio; instados a destruírem-na e a aliarem-se com os Citas no desmantelamento do império persa, cederam cobardemente às vantagens que julgavam poder auferir de uma relação privilegiada com o domínio oriental. Assim, porque lhe não foi vedado o caminho da fuga, esta campanha persa, contra o que alguns julgavam um inimigo menor, terminou em vergonha e frustração.

Já o objectivo último do projecto de Dario se perfilava como a prioridade seguinte, a de defrontar os Gregos do continente. Para isso deixou no terreno, após a retirada, um corpo de tropas sob o comando de Megabazo, encarregado de prosseguir nesse sentido. De há gerações que um confronto entre Persas e Gregos do continente se perfilava, o que Heródoto não deixa de assinalar em pontos sugestivos da narrativa. Ao mesmo tempo, o desconhecimento que o pretense invasor tinha do alvo futuro avulta como questão evidente. Quando Ciro, duas gerações atrás, fez contra os Gregos da Iónia uma campanha violenta, estes procuraram entre os Helenos do continente um aliado capaz de os ajudar na resistência ao invasor. Julgaram encontrá-lo entre os Lacedemónios, poderosos e dispostos a esse apoio. Na execução do compromisso a que se obrigaram, os Espartanos, segundo a versão de *Histórias*, fizeram chegar a Ciro uma mensagem de ameaça: que lhe não permitiriam que arrasasse uma só das cidades gregas (1. 152-153). Este recado teve o condão de despertar a curiosidade do Grande Rei

para esse povo desconhecido, sobre cuja natureza e número quis informar-se. Ao ouvir mencionar a ágora espartana, como uma referência ao hábito local de se discutir e negociar em espaço público, Ciro respondeu-lhes com a ameaça de destruir não só os Iónios, mas também os seus aliados. E Heródoto acrescenta que os Persas não fazem uso de mercados para realizar compras e vendas. Logo, este breve episódio contém em embrião os elementos convencionais em confrontos do género: a prepotência do atacante poderoso, alguma curiosidade pela forma de ser do adversário, e a arrogância no juízo que faz das diferenças de comportamento colectivo, que toma como sinais de inferioridade.

Situação muito semelhante se repetiu mais tarde, quando também Dario se preparava para actuar contra os Iónios que, por iniciativa de Mileto, se tinham sublevado. Mais uma vez os Gregos do continente foram solicitados pelos seus irmãos da Ásia a intervir e desta vez foram os Atenienses a acorrer ao chamamento. Mais enérgicos do que antes os Lacedemónios, Atenienses e Iónios dispensaram-se de mandar ao rei qualquer aviso e passaram de imediato à acção. Quando Sardes, uma posição importante na província lídia do império persa, foi por eles arrasada, Dario quis conhecer o adversário: os Iónios, media-os ele com precisão, mas os Atenienses quem eram (5. 105)? Depois de informado, também o rei tomou uma atitude mais activa no contra-ataque: à ameaça verbal juntou o gesto simbólico; pegou na arma que, por tradição, simboliza a estratégia militar oriental por excelência, o arco, e disparou para o céu uma flecha com um apelo de vingança a Zeus. Com este gesto que aludia à grandeza do projecto, o rei logo solicitou a um servidor que lhe repetisse, três vezes por dia, a frase mágica: ‘Senhor, lembra-te dos Atenienses’. Garantia assim Dario a perseverança num plano para que via chegada a hora da realização.

Não teve o soberano a preocupação de sondar melhor a capacidade de resistência do inimigo. Limitou-se a exigir das cidades gregas uma oferta simbólica de terra e água, como sinal de submissão, e tomou a recusa como um pretexto para avançar. Aos generais que investiu no comando da missão encomendou a escravização das cidades rebeldes, sendo Atenas e Erétria o seu alvo principal.

Simples, firme e ... imprudente a atitude régia. Repetia-se, na saga persa, uma outra aventura militar, com todos os condimentos a que as grandes campanhas anteriores já nos habituaram; apenas desta vez o aparato da missão, como a minúcia da narrativa, têm a dimensão alargada que o próprio clímax da acção justifica. Um exército de terra numeroso e bem equipado, com apoio de uma imensa armada que reunia contribuições de diversos povos, veio mais uma

vez fortalecer a sobranceira persa, força e número reunidos para uma exibição de potência superior. Deu-se início à marcha contra a Grécia, num progresso que, inicialmente, pareceu não contar, da parte dos atacados, com grande resistência. Um pouco como antes os Citas, também os Gregos, repartidos por ilhas ou cidades distintas, não se organizaram; houve mesmo quem, perante o inimigo, quisesse ceder ou pactuar. O sucesso coroou as pretensões persas até ao último reduto da oposição, a Ática. Mais: o seu estado de espírito ao pisar solo ático era de uma certa euforia (6. 102), que advinha do contributo psicológico que o êxito acrescentava à força; a convicção de uma vitória garantida e a brutalidade latente em quem se encarrega da vingança mobilizavam-lhes o ânimo, quando ocuparam Maratona. Por seu lado os Atenenses, mais prudentes, procuraram reforçar o arsenal de que dispunham com o apoio de outras cidades e discutiram, em assembleia, a melhor estratégia a adoptar. Repetia-se agora, em terreno grego, o conselho que, na narrativa de Heródoto, muitas vezes precede uma campanha (recordemos o que Ciro promoveu junto ao Araxes ou o que os Citas realizaram perante a invasão de Dario). Posições contrárias, de resistir ou ceder, equilibravam-se. Milcíades que, nesta disputa, partilhava a ideia da resistência, assumiu-se também como conselheiro junto de Calímaco, o polemenco, que dispunha de um voto de desempate (6. 109). O diagnóstico que lhe faz da situação é clarividente e enérgico: é chegada, para Calímaco, a suprema responsabilidade de salvar ou condenar Atenas e, para a cidade, a do risco máximo em toda a sua existência. Mas mais sugestiva é a forma como argumenta. Como bom ateniense, o discurso que faz é apropriado, lúcido e simétrico: não combater, além de cobardia, promete no futuro dissensões profundas entre os Atenenses e até a possível adesão de alguns à autoridade persa; combater e sem demora, será a salvação e a glória. Calímaco percebeu a razão do raciocínio e acedeu (ταῦτα λέγων προσκτᾶται τὸν Καλλίμαχον, 6. 110. 1); mais do que a razão foi a justeza das palavras a impor-se.

Preparava-se o primeiro grande recontro entre Persas e Gregos em Maratona⁶, que foi também um desencadear de surpresas para as duas partes (6. 112). Ao seu leitor, Heródoto patenteia todos os contrastes, muito bem sintetizados por G. Nenci⁷: ‘Na planície de Maratona, Heródoto desenha dois

⁶ Sobre a leitura que Heródoto faz da batalha de Maratona, *vide* A. W. Gomme, ‘Herodotos and Marathon’, *Phoenix* 6, 1952, pp. 77-83.

⁷ *Erodoto. Le Storie*, VI, Fondazione Lorenzo Valla, 1998, pp. XII-XIII.

mundos etnicamente antitéticos – unidos os Gregos, compósitos os Persas –, culturalmente distantes – defensores da sua pátria e provenientes de cidades livres uns, ao serviço de um déspota invasor os outros –, militarmente desequilibrados – poucos hoplitas contra um exército imenso⁷. Depois de organizadas as suas fileiras e incentivados pela promessa de oráculos favoráveis, os Helenos resolveram atacar sem demora. Os primeiros a ressentirem-se do impacto da diferença foram os invasores: esses Persas que se movimentavam com enorme aparato de tropas, cavalaria e arqueiros como sua força principal, ao encararem um adversário que corria ao seu encontro com um número modesto de homens e sem um contingente específico que pudesse medir-se com o seu núcleo forte, julgaram o inimigo simplesmente tomado de uma loucura suicida. Faltou-lhes, porém, a capacidade de fazer do que viam uma leitura plena, embora Heródoto insista em como lhes foi patente a velocidade com que o inimigo avançava em corrida: ὀρῶντες δρόμῳ ἐπιόντας; ὀρῶντες αὐτοῦς ἐόντας ὄλιγους, καὶ τούτους δρόμῳ ἐπειγομένους (6. 112); ao verificarem que os Gregos eram poucos – sendo o factor quantidade particularmente sensível ao seu espírito –, não foram capazes de relacionar número com velocidade e perceber que, longe de ser um factor de fraqueza, era essa a grande vantagem do adversário. No entanto, a evidência tinham-na debaixo dos olhos. Do lado grego, ponderou a determinação e a coragem numa ocasião em que, pela primeira vez, saíam em corrida contra o inimigo persa, sem se atemorizarem com a fama de um poder imenso que até aí nunca tinham defrontado. Também eles viam agora, sob os seus olhos, um adversário sempre temido, mas o ideal que os animava – salvar Atenas, salvar a honra – arredou deles, neste momento crucial, o temor que em imaginação sempre os paralisava. Em vez disso, correram sem hesitação. Foi neste contraste de atitudes, no melhor ou pior ajuste de cada uma das partes à situação, que a vitória, com legitimidade, foi parar a mãos atenienses.

Mais este agravo, a juntar aos reveses que já antes os Atenienses tinham infligido aos Persas, colocaram Atenas, na mente de muitos que rodeavam Xerxes, o sucessor de Dario no trono e no projecto de conquista, como uma prioridade a abater. Apesar de, à partida, pouco motivado para a conquista da Grécia (7. 5), o novo monarca não foi imune às pressões que se desencadearam à sua volta. Para além da vingança, razões de ambição ou de interesses impuseram ao rei a necessidade de ponderar a retoma da campanha contra a Grécia. De entre os cortesãos mais influentes, Mardónio desde logo se destacou como um impulsionador da campanha e são dignos de registo os argumentos usados: para além da vingança como uma prioridade, o parente do monarca salientava a

riqueza e fertilidade da Europa como um móbil para o interesse régio. Era num elemento de identidade do adversário que se procurava mais uma razão de peso para a investida. Ao mesmo tempo,urgia satisfazer o lema da corte persa que, desde Ciro, norteava o soberano para a conquista e expansão do império. Logo o *nomos* imperialista assumido pela comunidade persa tornou-se impositivo na hora da decisão régia.

Perante o seu conselho reunido, Xerxes, depois de justificar o projecto dando eco dos motivos ponderados, procurou definir o inimigo: de entre todos os povos que iriam encontrar a ocidente, os Atenenses e os Espartanos seriam os únicos temíveis; logo abatida Atenas e os seus vizinhos do Peloponeso, todos os outros se renderiam automaticamente e o poder persa ganharia os limites do próprio universo⁸. Era esta a versão que as informações colhidas lhe permitiam adiantar (*πυνθάνομαι*, 7. 8), numa evidente imprecisão e superficialidade, onde a ignorância impulsiona o optimismo. Como em outras circunstâncias em que um conselho precede o desencadear de uma acção militar, as opiniões dividiram-se. Mardónio, parente do rei e o inspirador do ataque contra a Grécia (por uma oculta pretensão de vir a ser seu governador, 7. 6), saiu em defesa do projecto e em apoio do rei; amontoou, em torno de Xerxes, os elogios, começando por louvar o rigor e a veracidade das suas palavras (*λέγων ἐπίκειο ἄριστα καὶ ἄληθέστατα*, 7. 9); o desajuste destes cumprimentos evidencia como a bajulação lhe cala a sinceridade ou, pelo menos, a prudência. O próprio Mardónio regressa à avaliação do inimigo, de forma empírica, porque afinal nunca o defrontou directamente. Algumas perguntas retóricas que vai multiplicando – De que temos medo? De que quantidade de forças dispõem eles? Que recursos financeiros possuem? (7. 9) – revelam quais os critérios que orientam este orador. Mardónio raciocina à persa, continua a considerar o volume de homens e de recursos materiais o factor decisivo num recontro. Da própria experiência da ocupação de cidades gregas da Ásia, Mardónio tira fundamento para a sua teoria: se foi

⁸ Ao desejo de vingança pontual contra Atenas, pelo incêndio recente de Sardes e pela resistência bem sucedida em Maratona, que não passava de um mero pretexto, acrescia uma irrefreável ambição de conquista. Assim, tal como ocorrera na campanha contra a Cítia, a definição de um alvo a abater em nome de antigos agravos escondia simplesmente a dimensão delirante de um projecto, que fica patente de algumas declarações do monarca (7. 8): ‘Pois, a partir desse momento, não há-de o sol iluminar nenhum território fronteiriço ao nosso, porque eu, com a vossa colaboração, de todos os territórios farei um único, depois de atravessar a Europa inteira’. Ou ainda, mais adiante: ‘Assim, serão submetidos ao nosso domínio os que têm culpas contra nós, como os que as não têm’.

fácil aos Persas dominarem os Iónios, Eólios e Dórios de aquém-mar, que se não mostraram muito belicosos, como também lhes foi possível penetrar com sucesso em território europeu, não há, na campanha que agora se discute, os riscos do 'desconhecido'. Quanto ao comportamento grego na guerra, Mardónio diz saber (πυνθάνομαι, 7. 9) – como Xerxes, por informações indirectas – que a atitude do inimigo é a de um louco que age 'de forma imponderada e incorrecta': ἐάθασι Ἑλληνας ἀβουλότατα πολέμους ἵστασθαι ὑπὸ γε ἀγνωμοσύνης καὶ σκαιότητος (7. 9). Curiosamente Mardónio tem a noção da importância de se actuar, em combate, com um conhecimento ajustado do inimigo; são pomposos os seus protestos de prudência: 'que nada se faça imponderadamente, porque nada é automático; para tudo, neste mundo, se requer experiência' (ἔστω δ' ὦν μηδὲν ἀπείρητον. Αὐτόματον γὰρ οὐδέν, ἀλλ' ἀπὸ πείρης πάντα ἀνθρώποισι φιλέει γίνεσθαι, 7. 9). No entanto, deturpa as informações de que dispõe. Na versão que desenvolve, os Gregos não estão familiarizados com os grandes combates, apenas com escaramuças internas em terrenos apertados, que se saldaram em geral por grande número de baixas por falta de capacidade militar. A prova tira-a do que pôde constatar no avanço até à Macedónia, onde não teve de enfrentar uma oposição organizada do inimigo. Regressando, por fim, ao pensamento inicial, Mardónio pode asseverar que, por mais louco que o adversário seja, não terá como resistir à poderosa máquina de guerra de que dispõe o enorme exército oriental. Logo a posição que o orador assume baseia-se na convicção da força do imperialismo e na ignorância sobre a verdadeira capacidade da Grécia, pressuposto que se manterá inalterado no seu espírito apesar da evidência dos acontecimentos. Nem o insucesso terá o condão de o despertar para a realidade, antes irá proporcionar a acumulação de agravos a justificar a insistência numa inflexível política de agressão.

A uma tese tão incisiva, seguiu-se um silêncio embaraçado, que só Artabano, com o seu ascendente de irmão do falecido Dario e de homem experimentado como conselheiro régio, ousou quebrar. Como antes junto do soberano que sonhava com a campanha contra a Cítia, as suas palavras voltam a ser de moderação e desistência. Então como agora sem resultado. T. A. S. Evans⁹ valoriza o lado trágico desta personagem que, qual Cassandra, visiona o

⁹ Herodotus, *Explorer of the past*, Princeton, 1991, p. 14.

futuro, sem conseguir fazer ouvir os seus avisos. Entre as duas empresas Artabano salienta a semelhança, ou mesmo a continuidade. Se era já arriscado um ataque contra os Cítas pelas características nómadas do seu tipo de vida, há-de sê-lo mais ainda neste caso (7. 10). Afinal os Gregos são mais valorosos do que os Cítas, combatentes de elite em terra e mar. Provas deram-nas em Maratona – o caso que Mardónio cuidadosamente calou – e decerto estarão prontos a renová-las. Sobretudo o potencial ateniense está no mar e é aí que Artabano prevê maiores riscos: se o inimigo consegue dominar a armada persa e destruir a ponte que assegurou às tropas de terra a travessia no Helesponto, a expedição persa ficará sem regresso. Claramente a experiência vivida na ponte sobre o Danúbio, na campanha cita, está presente na argumentação do irmão de Dario, como ele próprio recorda. Nessa situação, tudo dependeu da vontade de um só homem, Histieu de Mileto. Enveredar, de livre vontade, pela reincidência em aventura semelhante poderá ser decerto também loucura. O conselho de Artabano é o da reflexão (*παρασκεψάμενος*, 7. 10) que o rei deve fazer a sós, depois de ter colhido opiniões sobre o projecto. Artabano filosofa sobre a importância de decidir: decidir bem (*εὖ βουλευέσθαι*) é algo que produz bons frutos e que sobrevive mesmo à adversidade; porque uma boa decisão não perde mérito, embora contrariada pelo arbítrio da sorte. Pelo contrário, decidir mal (*βουλευσάμενος αἰσχροῶς*), mesmo se o destino se mostrar favorável, será sempre um mau ponto de partida. E deixa alguns temas à consideração real, para reflexão do homem que tem de decidir; antes de mais, a proporção do poder entre fortes e fracos: deuses e natureza, na sua sábia regência do mundo, sabem controlar a supremacia dos animais de grande porte e proteger a sobrevivência das criaturas frágeis; sob os raios de Zeus, são as árvores de grande porte as que cedem mais facilmente. A mesma justiça divina, árbitro supremo do equilíbrio universal, actua sobre os exércitos, não permitindo que os poderosos engulam os fracos. Naturalmente que, com a filosofia aqui defendida por Artabano, Heródoto vale-se deste conselheiro sensato para trazer de novo à consideração do seu leitor, no limiar da última grande campanha do poderio persa contra um adversário aparentemente pequeno e indefeso, um pensamento que se repete em ocasiões chave da sua narrativa e que é indiscutivelmente uma linha de coesão interna das *Histórias*: a de que os poderes humanos oscilam, que o estatuto de cidades grandes e pequenas é evolutivo, porque os deuses estão, com a sua autoridade máxima mas imprevisível, ao leme dos acontecimentos universais. Assim o afirmou o próprio Heródoto no prólogo, para logo de seguida deixar a Sólon, na famosa entrevista com Crespo,

o encargo de o reafirmar. Após esta lição de medida feita de acordo com o critério da σοφροσύνη grega, Artabano reserva uma última palavra para a precipitação e ignorância (ἐπειχθῆναι), responsáveis por erros de terríveis consequências. O tempo é, nesta perspectiva, um aliado que pode trazer à evidência o que no imediato é obscuro. Depois do argumento teológico, é com o racional que o tio de Xerxes termina: mais do que a intervenção divina, é a clarividência ou a insensatez humana quem decide do curso dos acontecimentos.

Ao adversário grego, Artabano dedica também um pensamento. Já atento a usar da prudência que acabara de elogiar como senhora do mundo, o velho persa é cauteloso na avaliação dos Gregos: esse opositor não é digno do demérito com que foi tratado no discurso anterior; nem tão pouco o rei merece um conselho calunioso que tende a induzi-lo em erro. O conceito que se instala agora é o de *adikia* : se o é já por si a calúnia, ela tem o condão de desencadear em quem a ouve uma reacção equivalente. Quem ousa, de forma irresponsável, caluniar ausentes e estimular aventuras insensatas, é com a morte que deve pagar a ousadia. Este conselho, que antecede o arranque final e decisivo do oriente contra a Grécia, acrescenta ao modelo convencional uma amplitude e uma tonalidade filosófica particular. Não é apenas uma questão imediata que se coloca. Mas, através da ponderação de Artabano, são os princípios fundamentais da vida humana que se jogam na aventura iminente. É interessante que seja um persa a fazê-la, emitindo conceitos que radicam naquele mundo distante, a Grécia, onde o irmão de Dario percebe a grandeza dos fracos.

A reacção régia, como sempre negativa, reveste também agora o tom empolado da ira e da violência das palavras. Na irritação, Xerxes encontra um reforço para o seu móbil principal: a vingança. Todas as outras considerações se ofuscam a seus olhos, perante esta motivação suprema. Pálido, um outro argumento é ainda mencionado: a prudência que o obriga a prevenir qualquer projecto que a Grécia pudesse alimentar de uma investida contra a Pérsia. Heródoto, por seu lado, reveste este momento da decisão de um toque de sobrenatural, numa espécie de execução imediata das especulações de Artabano. Xerxes procurou decidir bem, ponderou a frio no recolhimento da noite e chegou à cautelosa desistência da campanha. Mas aí interveio, em sonhos, a mão do destino (7. 14), que o empurrava para a aventura, sob ameaça da perda do poder. Este monarca que, contra o *nomos* do seu povo, se preparava para desistir de uma campanha, não merecia, mau grado os riscos envolvidos, continuar a reger-lhe os destinos. Apesar de o monarca resistir e anunciar publicamente a sua preferência pela paz, a mesma visão, repetida na noite seguinte junto de si e do

próprio Artabano, obrigou-o à aventura. Como previra o irmão de Dario: uma decisão boa permanece boa, mesmo se um destino adverso a não consente. Estava traçado, por vontade superior, um grande golpe no poderio persa a que nenhuma força humana, nem mesmo a σοφοσύνη, pôde resistir. Xerxes viu-se compelido a ceder e, com ele, o próprio Artabano quando confrontado com a mesma visão. Mas, ao ceder, o tio do rei não pôde deixar de comparar esta campanha, agora inevitável, com a de Ciro contra os Masságetas, a de Cambises contra os Etíopes, ou a de Dario contra os Citas (7. 18); um jogo de risco avançava uma última cartada e, na memória das ocorrências anteriores, Artabano temera que ela fosse perdida. Mas uma vez que um deus insistia nela, tio e sobrinho reencontravam ânimo para a enfrentar, na convicção de que era aos Gregos que a divindade reservava um revés, embora das palavras do sonho nenhuma promessa de vitória se adiantasse. Por seu lado Heródoto introduzia também, no desenvolvimento da história persa, um ponto de ordem, aparentando campanhas passadas com a que se avizinhava: em todas elas o perigo fora máximo devido à distância e ao desconhecimento do adversário; em consequência de todas elas a ambição persa colhera humilhação e derrota; numa linha ascendente, alvos progressivamente mais perigosos se sucediam, com consequências também mais drásticas. A repetir-se o invariável insucesso, a curva ascendente do crescimento persa tinha chegado ao fim.

Desencadearam-se os preparativos que, à medida da expedição enorme que se preparava, revestiram também um aparato especial, de recrutamento de forças, de obras de acesso ou de superação de barreiras geográficas, de recolha de mantimentos. Tudo foi pensado, num alarde de segurança, força e eficácia. Não faltou também, a acompanhar a grandeza esmagadora dos preparativos, o sinal de arrogância contra o inimigo. Repetindo um gesto anterior de Dario, Xerxes exigiu dos Gregos que considerava inferiores e susceptíveis de se dobrarem ao seu domínio – todos menos os Atenenses e os Lacedemónios¹⁰ - a oferta simbólica de terra e de água (7. 32). Multiplicaram-se acidentes naturais, uma tempestade no Helesponto (7. 34-35), um eclipse (7. 37), uma trovoadas (7. 42), que assinalavam a presença atenta da divindade a comandar superiormente os acontecimentos. Xerxes percebeu essa evidência, sentiu-lhe a cada momento

¹⁰ Mais adiante (7. 133), Heródoto explica o motivo desta exclusão: é que, em resultado de pedido idêntico antes feito por Dario (5. 58), a reacção das duas cidades fora exemplar: os arautos, Atenas lançou-os no abismo, Esparta num poço, de modo a saciar, simbolicamente, a ambição do rei persa de terra e de água.

a ameaça, mas não esmoreceu nem hesitou; respondeu-lhe ou com o insulto imponderado, expresso nas palavras e nos açoites com que puniu o mar, com uma certa indiferença, ou com a esperança de que tais indícios lhe fossem favoráveis. A um destino que o empurrava para a derrota, o rei dava, de motu próprio, a sua adesão.

Durante uma longa marcha, Xerxes necessitou de calar temores profundos e de procurar, no espectáculo do seu poder, a segurança que intimamente lhe faltava. Assistiu, do alto de uma tribuna régia, ao desfile, terrestre e naval, das suas forças (7. 44-46). Comoveu-se com a caducidade do poder que afecta mesmo os mortais mais bafejados pela sorte, ao pensar que 100 anos bastariam para apagar, sem excepções, todos os traços daquele quadro de grandeza. E foi quando mais uma vez avaliava as suas tropas, que a questão ‘número’, já antes distinguida como um factor de oposição entre Persas e Gregos, regressou. Num primeiro recontro em Maratona (cf. *supra* p. 15), o número fora, em termos relativos, uma condicionante de peso: poucos, os Gregos tinham batido, pela agilidade, um inimigo poderoso. A mesma questão se repusera no conselho que debatia a oportunidade da campanha; aí Mardónio voltara a salientar o número parco de forças e a escassez de recursos do inimigo (cf. *supra* p. 16) como um ponto a favor da invasão. Voz do bom-senso em toda esta aventura, Artabano raciocina agora sobre o mesmo assunto, como um motivo de apreensão para o lado persa. Pela primeira vez é feita expressamente uma leitura do elemento número, embora a sua importância relativa viesse já a ser sentida como relevante. Τὸ πλῆθος, ‘a quantidade’ (7. 48-49), preenche a atenção das duas autoridades persas. Xerxes, temeroso de que tão grande exército e armada sejam ainda de menos e disposto a acrescentá-los de forma a que a desproporção com os Gregos se desequilibre ainda mais. Artabano, preocupado com o excesso de homens e recursos que pode converter-se em desvantagem. Haverá portos capazes de abrigar semelhante armada? E se os não houver, se os meios naturais não colaborarem na protecção das suas forças, elas ficarão sujeitas ao acaso da vontade dos elementos, do mar, origem de acidentes insondáveis (7. 49). Por seu lado a terra, mesmo que a marcha se franqueie sem obstáculos, dará resposta ao abastecimento de tamanha força e não se esgotará de recursos? Sem desistência, Artabano prosseguia a sua tarefa de voz da razão, atento ao que subjaz às aparências e activo na previsão das dificuldades. A coroar o raciocínio, acrescentava uma definição de chefe capaz (ἀνὴρ ἄριστος, 7. 49), como aquele que, na decisão, sabe ser prudente (βουλευόμενος μὲν ἀρρῶδέοι) e, na acção, ousado (ἐν δὲ τῷ ἔργῳ θρασὺς εἶη). Decisão e acção aparecem como duas etapas distintas de um processo,

que exige atitudes contraditórias: à ponderação convém a demora e a hesitação cautelosa; mas assumida a decisão, a acção que se segue terá de ser determinada.

A resposta de Xerxes é a recusa do bom-senso. A ponderação das circunstâncias, considera-a o rei um entrave permanente à acção (εἰ βούλοιο τὸ πᾶν ὁμοίως ἐπιλέγεσθαι, ποιήσεως ἂν οὐδαμὰ οὐδέν, 7. 50). Defende, como ousadia, a imprudência (θαρσέοντα), escuda-se nos condicionalismos humanos: como saber onde está a razão, se o conhecimento pleno está vedado ao Homem? Apela ao princípio das vantagens do risco, dá o sucesso aos que têm decisão suficiente para agir, a quem se detém em meditações a frustração. Como exemplo invoca o passado persa, cuja grandeza adveio de uma constante mobilidade, com os riscos inerentes. Nesta contra-argumentação, Xerxes pensa apenas nos êxitos, sem se deter nos insucessos que Artabano lembrara. Escapava-lhe por isso a verdadeira proporção entre risco e sucesso. Nunca, como neste momento, Heródoto dera ao monarca oriental, na ocasião de avançar para uma campanha mau grado todos os conselhos em contrário, voz para justificar a sua decisão. Mas nesta hora suprema de agressão entre a Ásia e a Europa, todos os argumentos são pesados; Artabano assume a defesa da justa medida, do equilíbrio, a condenação do excesso, conceitos tipicamente helénicos; a Xerxes cabe, como herdeiro da corte persa, dos seus princípios e tradições, advogar as regras do oriente, a preocupação com o número e a grandeza, a necessidade de prosseguir no alargamento sem fronteiras do império. Começa a esboçar-se, em contornos mais nítidos, um contraste de princípios que irá condicionar os resultados no terreno.

Outros aspectos da questão são também considerados. Há, antes de mais, o problema das alianças que coloca de novo no centro das atenções os Iónios. Dois paralelos se impõem: primeiro Artabano avalia a sua participação nesta campanha como muito problemática; afinal Atenas faz parte do grupo iónico, é a metrópole das colónias dessa etnia que se dispersaram pela Ásia Menor (7. 51). Esta circunstância cria dúvidas sobre o comportamento possível deste contingente no exército persa. Será que vão trair a cidade de que os seus antepassados provêm e empenhar-se numa guerra para eles fratricida? Ou simplesmente irão manter-se fiéis às suas origens e apoiar o inimigo? Eis que regressa um problema idêntico àquele que fez gorar a campanha de Cambises contra Cartago, quando os Fenícios, sob comando persa, se recusaram a atacar a cidade que lhes estava ligada pelo sangue (3. 19). Muito superficial no caso anterior, ele é agora retomado como uma questão de justiça. Para Artabano, uma controvérsia deste tipo não se compadece com subtilidades, ou se é plenamente

injusto quando se trai os laços de família (ἀδικωτάτους καταδουλουμένους τὴν μητρόπολιν, 7. 51), ou verdadeiramente justo se se toma a defesa dos nossos, para mais na causa suprema da luta pela liberdade (δικαιοτάτους συνελυθεροῦντας, 7. 51). Claro que a contra-argumentação de Xerxes perante este conselho com facilidade se inspira na atitude dos Iónios na campanha cita, onde se colocaram ao lado dos Persas que lhes podiam proporcionar poder, bem-estar e prosperidade, pelo preço da submissão à corte de Susa. Usar, como faz o monarca, para descrever a opção dos Iónios, palavras como δικαιοσύνη e πιστότης é errar, em toda a linha, a interpretação da verdadeira atitude dos Gregos da Ásia, e equivale, de um modo ao mesmo tempo ingénuo e habilmente retórico, a confundir princípios com interesses mesquinhos. Mas não deixaremos de notar a parcialidade do argumento quando verdadeiramente a um iónio, Histieu de Mileto, se deveu esta decisão que não foi incontroversa; o mesmo Histieu que mais tarde veio a desencadear uma rebelião contra Dario valendo-se de uma aliança com Atenas.

Para além do seu alto significado para o tema que nos ocupa neste momento – a importância da avaliação e do conhecimento do inimigo como fundamento de êxito ou insucesso -, este debate entre Artabano e Xerxes destaca a questão da ambiguidade iónica, muito importante em diversos momentos da expansão do império persa e da narrativa de Heródoto. Artabano coloca a atitude sempre ambígua dos Iónios em função de δίκη. O que equivale a dizer que a posição correcta a esperar dos Gregos da Ásia é a da fidelidade à sua origem helénica e europeia, embora, por interesses concretos e materiais, sempre tenham oscilado entre a submissão à autoridade oriental e as aspirações de rebeldia com a aliança dos seus irmãos do continente. A própria hesitação que Artabano recoloca neste momento deixa patente a imprevisibilidade de um grupo decisivo no jogo político Ásia / Europa.

Por fim, num último apelo que dirige à elite persa, Xerxes não deixa de mencionar a qualidade do inimigo como uma circunstância incentivadora de ânimo e determinação para o invasor: ὅς γὰρ πυνθάνομαι, ἐπ' ἄνδρας στρατευόμεθα ἀγαθούς (7. 53). Mas o seu πυνθάνομαι, 'quanto julgo saber', como em circunstâncias semelhantes (cf. *supra* p. 4), espelha leviandade. A sua afirmação enferma de um tom retórico, sem que do reconhecimento do valor do inimigo se tire uma medida justa das características que fazem esse mérito e da forma correcta de as neutralizar. Em consequência, este conjunto de capítulos que antecipa a campanha iminente, em que o rei é confrontado com interrogações, conselhos, hipóteses, tem o condão de iluminar o pensamento de

Heródoto, e eventualmente o dos Gregos da época, sobre a dimensão profunda das guerras pérsicas e de tudo o que nelas estava envolvido em termos de identidade cultural. Ao mesmo tempo que a opção final de Xerxes, renitente às evidências que lhe são recordadas, agarrado a argumentos de tradição e de ousadia muito próximos de *hybris*, deixava prever um resultado funesto, a que, neste caso, a presença divina acrescenta uma intervenção patente.

Iniciou-se, com todo o fausto, a marcha invasora que não pôde deixar de causar uma forte impressão, decerto de segurança em quem participava em tão grande empresa, e de profundo temor em quem assistia ao seu avanço. Numa primeira reacção, apenas exterior e visual, o número exercia um efeito inevitável. Mas logo um prodígio veio simbolicamente corrigir as aparências com uma revelação mais profunda (7. 57); e o autor de *Histórias* comenta a indiferença de Xerxes que lhe não prestou qualquer atenção, embora o sentido que continha parecesse óbvio (εὐσύμβλητον): uma égua dava à luz uma lebre, o que claramente significava que o poder faustoso de Xerxes acabaria em fuga célere de regresso à pátria. Não era, perante a evidência do prodígio, sequer necessário recorrer à interpretação de um perito; o próprio historiador adianta com segurança a chave da leitura. Xerxes, porém, nem um momento de atenção ou de interrogação dedicou ao assunto. Como Cresos perante os oráculos ou Dario diante das ofertas dos Cíatas, também o actual detentor do poder persa foi incapaz de compreender um código de alerta numa hora suprema. Como é seu hábito, Heródoto salienta, pela repetição de uma fórmula, o sentido relevante deste capítulo dedicado aos prodígios. A abrir e a encerrar a descrição dos sinais, as palavras insistem na incompreensão de Xerxes: οὐδένι λόγῳ ἐποιήσατο, 7. 57; τῶν ἀμφοτέρων λόγον οὐδένα ποιησάμενος, 7. 58. Incompreensão que sempre justifica uma sentença condenatória.

Mal se iniciavam os primeiros movimentos das forças persas, ainda na região vizinha da Trácia, e já as primeiras marcas de um perigo concreto se patenteavam. Ao atravessarem o rio Melas, os invasores esgotaram-lhe as águas, sem mesmo terem conseguido saciar-se com elas (7. 58), situação que havia de repetir-se, no progresso da marcha, vezes sem conta. A verdade das palavras de Artabano sobre a impotência do terreno para satisfazer as necessidades de um tão grande número de homens começava de imediato a evidenciar-se. Este pequeno incidente não produziu no rei o menor alerta. Mas como não recordar o desfecho atroz da marcha de Cambises contra a Etiópia, através do deserto, também ele descuidado dos pormenores práticos do abastecimento do seu enorme exército, que terminou numa cena macabra de antropofagia e em vergonha e

desistência para os Persas? De novo o carácter cíclico das situações se tornava patente. Referida de passagem esta ocorrência, logo se lhe contrapõe, poucos quilómetros adiante (7. 59), um primeiro exercício de contagem de tropas, onde o rei se refugiava para manter firme a coragem e determinação necessárias. O efeito da abundância permanecia, no seu critério, como um factor de vantagem. Segue-se um catálogo das forças pedestres (7. 61-83), sob o comando directo do monarca, um motivo por que a tradição épica sempre foi responsável, mas que continuava a ser um elemento vivo na historiografia e na tragédia clássicas¹¹. Neste caso, porém, o factor número tem uma predominância notável na inventariação, contados os homens em blocos de 10 000, antes que se proceda à identificação rotineira dos contingentes por proveniência, fardas, armamentos e chefes. Heródoto diz-se incapaz de contabilizar individualmente cada bloco, decerto rendendo-se à própria dificuldade que o volume de guerreiros constituía. De certa forma nem a convenção literária suporta as condições inéditas de uma força militar que ultrapassava os padrões até então praticados. O catálogo prossegue ainda com os corpos de cavalaria (7. 84-88) e a força naval (7. 89-99), contribuindo todos para um total surpreendente. A encerrar o catálogo das forças orientais, Heródoto reserva a um contingente uma observação particular (7. 99). De Halicarnasso, sua cidade natal, veio um contributo naval constituído por apenas cinco navios, sob o comando de uma mulher, Artemísia. Para além da origem, é decerto a personalidade do chefe que avulta: detentora do poder de Halicarnasso por morte do marido, Artemísia impôs-se pela coragem e determinação viril e, armada dessas virtudes, conduziu cinco naus de reputação distinta (εὐδοξοτάτας, 7. 99) ao ataque da Grécia. Poucos se comparados com outros contributos dados ao potencial colectivo, estes navios compensam em qualidade a escassez do número. Mas acima da força, é sobretudo o conselho que Artemísia faculta a Xerxes a melhor colaboração de Halicarnasso: πάντων δὲ τῶν συμμάχων γνώμας ἀρίστας βασιλείι ἀπεδέξατο (7. 99), ‘de todos os que se aliaram à expedição, foi ela quem proporcionou ao rei os melhores conselhos’. Com esta apresentação, Heródoto contrapunha a Xerxes, de entre os seus aliados, Artemísia. Senhora de uma cidade grega da Ásia Menor, a rainha de Halicarnasso distinguia-se pelos atributos que haviam de garantir a

¹¹ Cf. os exemplos, extremos em data de produção, de *Persas* de Ésquilo e de *Ifigénia em Áulide* de Eurípides, capazes de comprovar a vitalidade deste motivo ao longo de todo o percurso trágico.

vitória helénica: moderação no número, requinte na qualidade, inteligência e finura na estratégia.

Neste que é um momento fundamental no recontro iminente das duas forças, Heródoto, que acabava de inventariar os contingentes invasores, que nos fizera passar revista às forças em parada, serve-se do testemunho de um grego para delinear também o campo adversário. Ainda difuso, não alinhado, o potencial grego é descrito pelo lacónio Demarato, um exilado que acompanhava o exército persa. Interrogado sobre o número e a capacidade da força rival para se equilibrar com o atacante, Demarato deu da sua pátria uma imagem fiel e sincera¹²: ‘Em toda a sua existência, a Grécia fortaleceu-se na pobreza (τῆ Ἑλλάδι πενίη μὲν αἰεὶ κοτε σύντροφός ἐστι, 7. 102); mas a ela associou o valor (ἀρετή), que produzem a sensatez e o rigor da lei (σοφίης κατεργασμένη καὶ νόμου ἰσχυροῦ). Graças a esse valor, a Grécia supera a pobreza e a sujeição a um déspota’. E centrando-se sobre os Lacónios seus conterrâneos, Demarato afirma a sua determinação em nome da liberdade. O número de que vale, quando são os ideais que conduzem um punhado de homens? Pela boca de Demarato, Heródoto reproduzia uma imagem da Grécia que resultou da sua actuação neste conflito, a mesma com que os conselheiros persas responderam a Atossa, na cena famosa de *Persas* em que a rainha-mãe quis conhecer o inimigo que o filho partira a conquistar. A Grécia não quantifica forças e sujeita-se a um único senhor, a liberdade. Seguindo também um critério esquiliano, Heródoto refugia-se no anonimato dos elementos gregos; tanto mais significativo depois do extenso catálogo a que vínhamos assistindo, este silêncio sobre a individualidade dos chefes de um povo que quer apresentar-se como um colectivo dirigido pela autoridade dos princípios. Nesta campanha extrema, as suas armas são valores, ἀρετή, σοφία e νόμος.

Com esta delineação dos dois povos, eram também dois νόμοι que o historiador contrastava. Do lado oriental, a regra imperialista, que impulsionava

¹²No estudo que dedica à figura de Demarato em Heródoto (‘The two faces of Demaratus’, *Arethusa* 20, 1987, pp. 192-193), D. Boedeker chama a atenção para as contradições do comportamento desta personagem na corte persa. Mesmo se apeado do trono de Esparta e injustamente exilado, Demarato mantém, na sua intervenção junto do grande rei, uma certa dignidade. Ao integrar os conselheiros reais na invasão da Grécia, sem deixar de se mostrar fiel e isento nas informações prestadas, Demarato nunca toma a iniciativa de denunciar os compatriotas; limita-se a satisfazer as questões que lhe são postas. Sobre os Espartanos, e omitindo ressentimentos, fala com elogio e admiração.

o rei a prosseguir uma política imparável de conquista, mesmo assumindo riscos desnecessários ou excessivos; do lado grego, a norma da liberdade, que não propõe outro objectivo para além da defesa de uma cultura democrática e responsável. Não podemos, ao mesmo tempo, omitir uma palavra para o efeito literário de contraste entre os dois processos usados nesta descrição dos exércitos: o catálogo, extenso e insistente na questão do número, que dá esteticamente a medida do bloco persa; sobre o rival, os comentários sóbrios de um lacónio que, em linhas breves, define a dimensão intraduzível dos verdadeiros ideais humanos.

Xerxes manifestou, pelo riso, a imprudência e o desconhecimento (7. 103); talvez até, como antes Cambises, alguma loucura. A este inimigo desconhecido, que se mostrava à distância, depreciou-o como um povo inferior ou selvagem, muito aquém da gente civilizada e possante que os Persas julgavam ser. Descodificou a informação de Demarato sob critérios do seu universo: ridicularizou o número e a potência grega, minúsculos perante os seus; julgou fraqueza ou anarquia a liberdade, estranhou a falta de um chefe ou de um comando único, em vez de uma soma de vontades individuais; depreciou, como absurda, a informação que lhe era dada, salientando, por estranha ironia, a ignorância do informador: ‘É por desconhecimento que dizes tantos disparates’ (τῶν σὺ ἐὼν ἄπειρος πολλὰ φλυηρέεις, 7. 103). E conservou o riso da incredulidade, quando Demarato lhe repetiu o conselho, insistindo no conhecimento que tinha da situação e na verdade das palavras que proferia: ‘Desde o início que eu sabia que, ao usar para contigo de verdade, não diria o que soa bem aos teus ouvidos’ (ἀρχῆθεν ἠπιστάμην ὅτι ἀληθεῖη χρεώμενος οὐ φίλα τοι ἐρέω, 7. 104). Riso que não retrocedeu perante a insistência de que, para os Gregos, a liberdade não é infinita, mas submissa a um único senhor, a lei, que reverenciam como autoridade suprema. Sob o seu comando, lutam com determinação firme, face à vitória ou à morte (7. 104). Habitado à contabilização, ao exercício tirânico da autoridade régia, à materialização da força e do poder, Xerxes foi incapaz de perceber o sentido dos valores – liberdade e lei – que suportavam o espírito democrático de um povo para ele totalmente desconhecido. Na ironia e na brandura com que despediu Demarato, patenteava toda a arrogância de um grande senhor, imune a outra realidade que se rasgava diante da sua cegueira. Ásia e Europa de novo se corporizavam em duas figuras paradigmáticas, o rei persa e alguém que, no passado, detivera o poder de Esparta. Deste encontro renovado, sobressaía como sempre a diferença e a dificuldade de compreensão.

Parece interessante que, após a enunciação dos ideais tipicamente gregos

– o respeito pela lei e pela liberdade, que justifica rasgos de coragem extremos –, Heródoto introduza alguns elogios a actos superiores que se contabilizam também do lado inimigo. Como sempre, a distinção entre os Persas ressalta de indivíduos, projectados de entre os governadores, delegados da corte persa nos territórios ocupados. Esses homens têm um nome – Mascames ou Boges – e distinguem-se, seja positivo ou negativo o resultado que alcancem, pela fidelidade ao rei. Mascames manteve a posição que defendia da autoridade persa, excepção face à incapacidade de todos os seus pares em território helespontino e trácio (7. 106); Boges não logrou resistir à investida grega, mas preferiu o sacrifício de todos os seus, de todos os bens da cidade e o seu próprio suicídio à cedência ao inimigo. Aos actos relevantes dos seus servidores, o rei respondeu com as compensações naturais entre os Persas: presentes generosos, para Mascames (7. 106), elogios abundantes e prémios à sua descendência, para Boges (7. 107). Não faltam, também entre os Persas, actos superiores. Mas a divergência com os praticados por Gregos é patente: os heróis pertencem a uma elite e manifestam-se ao serviço do monarca; por isso recebem do seu senhor galardões materiais e concretos; este é o oposto do procedimento que obedece a uma norma colectiva, onde de todos se espera denodo na defesa de princípios.

Já imparável, a máquina de guerra prosseguiu a sua marcha. Junto ao rio Lisos (7. 108), repetiu-se a situação do Melas; apesar de esgotado, o curso do rio não bastou para saciar o exército invasor (cf. *supra* p. 24), e a mesma coisa se haveria de repetir junto do lago fronteiriço a Tasos (7. 109)¹³. Por outro lado, as cidades que acolhiam o exército persa e que, incapazes de lhe resistirem, iam cedendo, desdobravam-se nos preparativos para poderem servir uma refeição àquela multidão de guerreiros, o que demorava meses e atingia gastos avultados (7. 116, 118-120). Assim o avanço deste exército produzia um esgotamento de recursos. Ecos da experiência cita parecem subjacentes a esta questão: não que

¹³ É curioso notar que Heródoto anuncie os rios e lagos que Xerxes encontrou na sua marcha contra a Grécia, questão que se mostrou de relevo no caso cita. Mas se a relação é inevitável, o resultado é contrastante. Os cursos de água gregos são escassos e de dimensão limitada. O seu contributo para a riqueza local ou a influência que têm sobre os povos residentes nem mesmo merecem alusão. Não opõem ao invasor barreiras efectivas, porque se esgotam facilmente e sem dificuldades se ultrapassam. Mas têm, apesar de tudo, um papel a desempenhar neste processo: o de, pela própria insuficiência, causarem penalizações ao invasor.

Outros exemplos de esgotamento de água se irão repetir: cf., *e. g.*, o do Quidoro, vizinho da Macedónia (7. 127).

o inimigo agora arrasasse, como antes os Cítas, tudo que pudesse servir à sobrevivência do invasor; apenas os meios disponibilizados, até ao limite, pela própria natureza não respondiam a uma situação humana que se expõe como abstrusa. É, portanto, o próprio excesso o gerador da autodestruição e do regresso fatal ao equilíbrio. Torna-se também patente a insistência com que Heródoto reincide em certos tópicos desta arremetida persa no terreno, de modo a superlativar os que foram os factores decisivos na sorte das armas. Talvez ao contrário de Ésquilo, o elemento divino, embora presente, desça a um segundo plano, de modo a permitir a noção de que foram aspectos concretos de organização e de estratégia os que ponderaram. E esses dependem da vontade dos homens, baseada no conhecimento que possuem de cada circunstância.

Se Xerxes manifestara já, em relação aos hábitos e à mentalidade do adversário, uma profunda ignorância, Heródoto acentua as surpresas sucessivas que o terreno reservou à marcha que comandava; palavras como *πυνθανόμενος, ἀκούων ἐπειθύμησε, ἐν θώματι μεγάλῳ ἐνέσχετο* (7. 128) demarcam as diversas etapas da reacção do monarca ao território desconhecido da Tessália: procurou colher informações, ouviu as versões disponíveis e tomou decisões, ao sabor do capricho ou da curiosidade. Alguma improvisação se constata na forma como a máquina de guerra persa era dirigida ao longo do território grego.

Diversas são as achegas que o historiador não deixa de acrescentar a propósito das mentalidades em litígio. Perante a resposta, trazida pelos arautos que, a mando de Xerxes, foram exigir das cidades gregas terra e água, Heródoto lembra a reacção patriota antes demonstrada por Atenas e Esparta, confrontadas com idêntico pedido da parte de Dario, que não só se recusaram à cedência, como penalizaram os arautos persas, lançando-os uns para as profundezas da terra, outros de um poço (7. 133). A maldição que adveio para Esparta desta infracção à imunidade dos arautos tentou a cidade resolvê-la pelo sacrifício voluntário de dois cidadãos, que partiram a entregar-se ao inimigo, para destino igual àquele que fora dado aos mensageiros persas. O encontro destes homens com as autoridades orientais resultou em mais um choque de mentalidades e num cotejo de νόμοι. De um lado, distintos cidadãos lacónios, heróis oferecidos em sacrifício pela salvação da pátria; do outro, as autoridades persas, primeiro Hidarnes, comandante militar no litoral asiático, depois o próprio rei. Se a oferta das suas vidas ao sacrifício foi nobre, mais nobre ainda foi o comportamento que adoptaram em todo o processo (*αὕτη τε ἡ τόλμα τούτων τῶν ἀνδρῶν θώματος ἀξίη καὶ τάδε πρὸς τούτοισι τὰ ἔπεα, 7. 135*). Conhecedor dos

méritos destes gregos e da consideração que granjearam junto do rei, Hidarnes quis convencê-los a colherem, do estatuto de heróis, as vantagens a que a generosidade do rei não era imune. Bastaria prestarem vassalagem ao poder de Xerxes para adquirirem o estatuto de privilégio de que o próprio comandante era exemplo. Tal proposta, ao mesmo tempo de apreço por parte do inimigo, como incentivadora de traição à pátria, mereceu dos espartanos uma reflexão sobre o conhecimento ou ignorância pelos valores postos em causa. Foi em termos de *πειρα* ‘experiência’ que abordaram os dois lados da proposta: ‘A sugestão que apresentas revela por um lado conhecimento, por outro inexperiência’ (τοῦ μὲν γὰρ πεπειρημένου συμβουλευείς, τοῦ δὲ ἀπειρος ἐών, 7. 135). É uma questão de mentalidade a que se ajuiza: ‘O que é ser escravo tu entendes, mas a liberdade nunca a experimentaste, se é doce ou não’ (τὸ μὲν γὰρ δοῦλος εἶναι ἐξεπίστεται, ἐλευθερίας δὲ οὐκω ἐπειρήθης, οὐτ’ εἰ ἔστι γλυκὸν οὐτ’ εἰ μῆ, 7. 135). Se foi o espírito de liberdade que falou mais alto diante de Hidarnes, juntou-se-lhe o gesto perante o soberano; à insistência dos guardas para que se prostrassem diante do rei em adoração, os dois recusaram-se por não fazer parte do seu νόμος adorar um homem. A este conflito de νόμοι, Heródoto juntou neste episódio o conceito de ‘prática comum a todos os homens’, τὰ πάντων ἀνθρώπων νόμιμα (7. 136), traduzida pelo princípio universalmente aceite da imunidade dos arautos. Neste ponto – é preciso reconhecê-lo – foi Xerxes quem melhor se comportou (Heródoto não deixa de lhe louvar a μεγαλοσοφύνη, 7. 136); porque, embora denuncie o delito cometido por Esparta ao sacrificar os arautos que lhe enviara, recusou-se a dar-lhe réplica ou a cobrar desforra. Se vingança tirou, foi a de lhes não proporcionar, com um acto equivalente, a redenção da culpa. Do balanço deste episódio um princípio parece relevante: nenhuma das partes, bárbara ou grega, abdica da sua natureza ou do seu νόμος, dobrados ao poder real os primeiros, rendidos à liberdade os Helenos. Mas Heródoto deixa claro que nenhum detém a clarividência ou a razão absoluta em termos de valores. Se os dois gregos sabem pôr em prática o ideal do patriotismo e da generosidade cívica, Xerxes e Hidarnes sabem reconhecer o verdadeiro mérito e premiá-lo, embora à sua maneira. Como ainda, acima dos hábitos ou práticas de valor relativo, existem as grandes regras universais que irmanam os homens e de que, em dada circunstância, os bárbaros podem mostrar-se servidores mais leais. Nada é, na experiência humana, um valor absoluto.

No decurso de um relato que procura, com nitidez cada vez maior, colher o comportamento e reacção de ambas as partes, Heródoto concentra-se no estado

de espírito que o avanço persa foi produzindo entre os Gregos. Inconscientes também eles, à partida, dos factores de desvantagem do adversário que se denunciavam já sob a impressão de grande poder, a sua reacção era, em geral, anárquica ou mesmo cobarde; uns esperançados na imunidade que lhes daria a entrega de água e terra, outros amedrontados perante as consequências da recusa à rendição, todos enfraquecidos pela falta de união e de uma consciência patriótica sólida. Este caos tem, na avaliação de Heródoto, o papel de uma moldura de debilidade, de onde ressalta, com brilho intenso, a intervenção decisiva de Atenas (7. 139). Da sua determinação brotou a solução para a crise, primeiro pela coragem de não fugir nem abdicar perante o invasor, depois pela capacidade efectiva de resistência que o poderio naval lhe proporcionava. Por seu lado, os Lacedemónios aparecem igualmente dotados de valentia, mas reduzidos a um poder terrestre que não teria, por si só, capacidade de sucesso. Desta apreciação, o poder da Grécia é posto na dependência das duas grandes cidades, Atenas e Esparta, sendo às outras atribuído o papel pouco meritório de procurarem a sobrevivência pendendo para o lado mais forte ou de simplesmente claudicarem. Mas se não é na valentia que as duas grandes *poleis* se diferenciam, é o poder estratégico que dá a Atenas uma vantagem decisiva. São entusiásticas as palavras com que o historiador de Halicarnasso afirma a convicção da superioridade ímpar de Atenas, consagrando-lhe um elogio imortal: ‘Assim, quem disser que foram os Atenienses os salvadores da Grécia, não anda fora da verdade. De facto, qualquer que fosse o lado para que pendessem, para esse fariam pender a balança. Ao optarem por garantir a liberdade à Grécia, com essa escolha, foram eles e só eles que despertaram todo o restante mundo grego, que se rendera aos Medos, e quem, depois dos deuses, repeliu o grande rei’ (7. 139).

Também eles são postos à prova por alarmes que denunciam o perigo; os oráculos vindos de Delfos, prometendo uma destruição incomensurável, são ameaçadores, sem nunca, porém, se sobreporem ao verdadeiro objectivo que os determina, a liberdade para a Grécia a todo o preço. De um só homem, Temístocles, vem a solução para realizar, na prática, esse grande projecto: salvar a Grécia passa pelo uso sábio da armada ateniense, que, com muita perspicácia, o mesmo Temístocles antes convencera os seus concidadãos a construir. De certa forma, este almirante incarna as características gerais do comportamento grego nesta guerra: senhor de uma inteligência superior, são dele as propostas que satisfazem as necessidades de cada imprevisto e que garantem o êxito. Por isso, os principais relatores da experiência grega da época – Heródoto e Tucídides – se renderam ao mérito indiscutível deste homem.

Um novo conselho de Helenos pondera a estratégia futura (7. 145): o espírito é, neste momento, positivo, porque uma leitura inteligente dos oráculos sugere uma saída. Antes dispersos, os Gregos mobilizam-se em conjunto, empenham a palavra e comprometem-se, pela primeira vez, a pôr de lado dissensões internas em nome de uma causa comum. Procuram, também no exterior, encontrar aliados, mas sobretudo não descuidam uma informação minuciosa sobre o adversário: ‘Informados de que Xerxes estava em Sardes com o exército, decidiram enviar espiões à Ásia para averiguarem as disposições do rei’ (7. 145). Sentimos que os adversários que os Persas terão de enfrentar deram um passo em frente no sentido do sucesso. Mas logo Heródoto encontra forma de nos alertar para o facto de que, nas hostes contrárias, nenhuma mobilidade ou adaptação era ponderada. Os espias enviados pela Grécia a Sardes foram capturados e salvos da pena capital por Xerxes. Com que objectivo? Não o de, como pareceria lógico, serem questionados sobre a intenção do inimigo, mas para se tornarem testemunhos do enorme poder asiático. Como antes Cresos convidara Sólon a percorrer os seus tesouros para constatar que estava na corte do homem mais rico do mundo, também Xerxes exhibe, aos olhos dos espias, o seu potencial, para que verifiquem o ascendente imbatível de que dispõe¹⁴. Não os interroga sobre a impressão colhida – seguro de qual ela seja; limita-se a libertá-los para serem os arautos do seu ascendente. Procurar saber é uma preocupação que nem mesmo perpassa o espírito de Xerxes; como sempre são o aparato e o número as armas que privilegia. Aparato e número que o cegam ao ponto de voluntariamente fornecer esse mesmo saber, uma cedência de que nem suspeita. Regressam as palavras que habitualmente exprimem essa valia, e que agora dão voz ao empenho de Xerxes em manter informados os Gregos: ‘Porque se os espias morressem, os Gregos não ficariam informados sobre o seu potencial’ (ὡς εἰ μὲν ἀπόλωντο οἱ κατάσκοποι, οὐτ’ ἂν τὰ ἔωυτοῦ πρήγματα προεπύθοντο οἱ Ἕλληνες, 7. 147); e, porque o seu juízo do adversário é, como sempre, sobranceiro, continua: ‘Enquanto que, na sua opinião, se aqueles homens regressassem à Grécia, os Gregos, depois de tomarem conhecimento do seu potencial, haveriam de abdicar, perante a expedição que

¹⁴ É também possível o paralelo com a atitude do rei etíope perante os Ictiófagos que visitaram o seu território às ordens de Cambises. Fê-los ver as prisões, os túmulos, a mesa do sol (3. 23-24), mostrou-lhes a agilidade do seu povo no uso do arco e fê-los depois regressar para relatarem ao monarca persa tudo o que tinham visto. Por este meio, o rei etíope esperava obter a desistência de uma possível arremetida adversária.

se preparava, da tal liberdade que lhes era tão própria e assim nem mesmo haveria necessidade de marchar contra eles' (νοστησάντων δὲ τούτων εἰς τὴν Ἑλλάδα δοκέειν ἔφη ἀκούσαντας τὰ ἔωτοῦ πρήγματα πρὸ τοῦ στόλου τοῦ γινομένου παραδώσειν σφέας τὴν ἰδίην ἐλευθερίην, καὶ οὕτω οὐδὲ δεήσειν ἐπ' αὐτοὺς στρατηλατέοντας πρήγματα ἔχειν, 7. 147)¹⁵. As diferenças estabeleciam-se cada vez mais profundas: enquanto do lado helénico, um homem – Temístocles - avulta como responsável por uma política decisiva, através de um debate esclarecido entre cidadãos, do lado persa toda a estratégia recai sobre o rei que, isolado, opondo-se sem discussão à opinião corrente que era de liquidar os espias, assume a forma de agir que, por tradição, caracteriza a casa real que agora assenta nos seus ombros.

Desde o início que o plano persa pretendeu mobilizar em simultâneo tropas de terra e de mar e fazê-las agir em articulação (cf. 8. 15. 1), projecto subentendido nos episódios das Termópilas e do Artemísio, mas expresso após o confronto com Leónidas (7. 234-237). Por outro lado, sempre esteve na expectativa persa que o inimigo, por inferioridade e susto, cedesse sem luta. Foi com estes pressupostos que encararam os momentos decisivos da campanha.

Um primeiro combate marcante estava, pelo destino, prescrito para as Termópilas. Mas, em termos humanos, tudo dependeu da vontade dos Gregos. Porque o lugar e o modo de enfrentar o inimigo foi por eles cuidadosamente planeado (7. 175) e democraticamente resolvido. Atentos à proporção do número entre os dois lados em conflito, a escolha recaiu num espaço estreito e já avançado no seu território. Impunha-se-lhes a convicção sensata de que a própria estreiteza do lugar neutralizaria o número excessivo das forças inimigas: 'Depois de avaliarem previamente todos os pormenores, e de calcularem que os bárbaros não teriam como usar a multidão da sua infantaria nem cavalaria, foi aí que decidiram acolher o invasor da Grécia' (ἅπαντα γὰρ προσκεψάμενοι καὶ ἐπιλογισθέντες ὅτι οὔτε πλήθει ἔξουσι χρᾶσθαι οἱ βάρβαροι οὔτε ἵππῳ, ταύτῃ σφι ἔδοξε δέκεσθαι τὸν ἐπίοντα ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα, 7. 177). Como antes os Citas, também os Gregos faziam valer a configuração da sua paisagem natural como um factor de vantagem, que habilmente se apressavam a aproveitar¹⁶.

¹⁵ Pöde Heródoto, num outro momento, cotejar com este o comportamento dos Gregos, quando por sua vez, depois da tempestade que abalou, ainda no Helesponto, as forças navais persas, capturaram uns tantos navios inimigos com as respectivas tripulações (7. 194-195): desses homens, colheram as informações possíveis, antes de os aprisionarem.

¹⁶ Sobre o uso de uma estratégia de guerra por parte dos Gregos neste momento, *vide* o

Foi assim que Gregos e Persas se viram mais uma vez frente a frente, uns na defesa do sul ainda inviolado, outros aquartelados do lado norte que vinham ocupando. Um catálogo das forças gregas permite, neste momento supremo, a contabilização relativa dos exércitos (7. 202-206), que se mede por blocos de centenas num dos campos, de milhares no outro. Ao comando geral dos Gregos está Leónidas, o espartano, disposto a conduzir a que será a *aristeia* de Esparta nesta guerra. Coube-lhe manter firmes na resistência todos os homens sob seu comando, de entre os quais alguns não deixaram de ser sensíveis à desproporção tremenda que defrontaram (7. 207) e pareciam tentados a abandonar o terreno. Da parte persa, Xerxes quis verificar, pelo testemunho de um espia, o que já antes chegara aos seus ouvidos, que o inimigo que o aguardava era de dimensões minúsculas. Sem poder ter do campo adversário uma visão geral nem perceber as hesitações que o dividiam, o espia constatou no entanto uma cena surpreendente: à sua vista, as hostes lacedemónias faziam exercícios físicos e penteavam os cabelos, no que parecia um desprezo manifesto pela presença inimiga. De resto, da sua vigilância nem se aperceberam nem minimamente se inquietaram (7. 208). Repetia-se, em contornos parecidos, a cena que aterrorizara Dario perante os Citas, entretidos a perseguir uma lebre, e o levava a partir sem demora em vergonhosa retirada.

Desta vez Xerxes, confrontado com a informação, não temeu, simplesmente por não ter compreendido o sentido da atitude adversária (*οὐκ ἀπολεόμενοι τε καὶ ἀπολέοντες κατὰ δύναμιν*), ou, se quisermos, de acordo com o seu νόμος. A sua primeira reacção foi rir e desprezar, antes de procurar entender. E quando Demarato lhe interpretou o sentido daquele comportamento – que era por fidelidade ao νόμος que mantinham, na iminência do combate, os hábitos de sempre numa atitude de firmeza, eles que eram, mau grado todas as aparências, opositores valentes –, o rei persa continuou céptico (7. 209-210). Tão céptico que ficou à espera da reacção inversa à que lhe era prevista: que os Gregos simplesmente desertassem apavorados. Só os acontecimentos foram capazes de o convencer: apesar de sofrerem pesadas baixas, os homens de Leónidas aguentaram firme e mostraram que, para além do número, também a qualidade conta: ‘Tornou-se para todos óbvio, e não menos para o soberano, que ali havia muitos indivíduos, mas poucos homens’ (*πολλοὶ*

μὲν ἄνθρωποι εἶεν, ὀλίγοι δὲ ἄνδρες, 7. 210). O que Demarato tinha revelado por palavras sobre a *arete* espartana era agora comprovado por Leônidas através dos actos. Da parte do historiador, a observação sobre o estado de espírito de cada um dos campos não deixa de ser ponderada: as hordas sucessivas de Persas sempre voltadas para a autovalorização, escudadas nos epítetos – um sonoro ‘Imortais’ -, tal como o chefe que as conduzia desconheciam o adversário. Dos Gregos apenas constatamos, pelo efeito causado sobre o atacante, que a avaliação que dele tinham feito era correcta: opor à sua enormidade a estreiteza do espaço, tirar partido do modelo diverso de armamento, executar toda uma estratégia racionada de abordagem do inimigo e, por fim, ludibriá-lo num jogo de avanço e recuo, cujas regras o deixaram de todo vulnerável, tornou o combate um verdadeiro certame de competências: os Lacedemónios ‘mostrando, no meio de sujeitos ignorantes do combate, a sua enorme competência’ (ἐπιδεικνύμενοι ἐν οὐκ ἐπισταμένοισι μάχεσθαι ἔξεπιστάμενοι, 7. 211). Saber ou não saber ... foi nesse momento a questão. Não que Heródoto tenha atribuído a esta batalha uma estratégia hábil, mas uma grande força de valores que se impõem no combate. Essa superioridade foi incarnada no próprio Leônidas, o guerreiro que se entrega ao desespero da luta por amor da fama e da salvação da pátria, como um cidadão superior de uma *pólis* grega. É na sua pessoa que os valores helénicos de bravura e ideal patriótico, que saem vencedores, se corporizam neste momento. Por seu lado, mais do que vencido ou até apavorado com o destino dos homens que comandava, Xerxes ficou de mãos atadas, sem saber o que fazer perante o resultado obtido (ἀπορέοντος δὲ βασίλεως, 7. 213).

Foi-lhe então necessário recorrer mais uma vez a opiniões diversas que, nas inevitáveis contradições, colocaram, em última análise, a responsabilidade da decisão na mão do rei. Liquidada a resistência das Termópilas, por colaboração traiçoeira de um elemento do campo inimigo, o passo seguinte aconselhou o envolvimento das forças navais. Também elas de um potencial incalculável, haviam, antes de terem sido postas à prova em combate, sofrido um grande revés por obra de uma tempestade, ainda na paisagem do Helesponto. Feito o catálogo do volume espantoso da frota (7. 184-187), logo os avisos de Artabano se mostraram de novo sensatas profecias. Como para a questão do abastecimento, não foi menos acertada a previsão que fez da desprotecção das forças navais, em caso de perigo, por não haver disponível um porto ou uma costa que as abrigasse. Foi assim que uma tremenda tempestade, de resto fenómeno vulgar no local, destruiu um número elevado de embarcações. Embora fosse voz

corrente que Bóreas, aliado aos Atenienses, produzira um milagre, Heródoto demarca-se da versão sobrenatural para ver nos acontecimentos o desfecho que um mortal providente, sem quaisquer dotes de profecia, podia facilmente visionar (7. 189-191).

Chegada a hora do reconcontro naval, Xerxes, como sempre, procurou aconselhar-se e ainda então se viu a braços com sugestões opostas que o empurraram para uma decisão pessoal. Tinham as duas propostas apresentadas a marca dos respectivos autores: a primeira veio do grego Demarato que, mau grado a fidelidade do juízo feito sobre os Lacónios nas Termópilas, não ganhou a confiança do rei (7. 234). O ponto fraco das suas palavras continuava a ser o reconhecimento do mérito do adversário; para além de um número não dispiciendo, o que os destacava era sobretudo o valor, elemento demasiado abstracto para calar fundo em Xerxes. Quando o rei, de seguida, lhe pediu uma estratégia para abordar tal inimigo, Demarato raciocinou à grega (7. 235): com uma frota pequena, não mais de 300 navios, aquartelados na pequena ilha de Citera fronteiriça a Esparta, uma arremetida contra o centro da resistência lacónia seria eficaz. E Demarato abonava a sua tese com opiniões avisadas, como a de Quílon, ‘o homem mais sensato que entre nós existiu’ (ἀνὴρ παρ’ ἡμῶν σοφώτατος γενόμενος, 7. 235). A fórmula proposta reúne as linhas mestras do pensamento grego: coragem e ideal, para além de inteligência e estratégia, como armas que garantem a vitória.

Era esta hipótese demasiado estranha aos seus pontos de vista para seduzir o filho de Dario. Que aderiu, naturalmente, à versão contraposta por Aquémenes que, bem ao contrário, raciocinava à persa. O seu primeiro argumento foi, claro, o número: se só uma tempestade liquidou 400 embarcações – e as causas verdadeiras do naufrágio nunca foram analisadas nem por um comandante naval como Aquémenes -, que podem apenas 300? Importa mobilizar todos os recursos navais, num arranque de força – ou de novo de fraqueza? – contra o adversário, e ainda articulá-los num esforço conjunto com os de terra. A cartada deverá portanto ser decisiva: ou tudo ganho, calcula Aquémenes, ou ... tudo perdido, comentará consigo o ouvinte avisado. Mais significativas ainda são as palavras com que o conselheiro persa encerra o raciocínio sobre o critério a usar na avaliação de uma estratégia acertada (7. 236): ‘Trata dos teus assuntos e não te preocupes com os dos inimigos, de que lado se colocarão para o combate, que estratégia irão adoptar, que número atingem. Sozinhos bastam eles para ponderarem nos seus interesses, como nós nos nossos’ (τὰ σεωυτοῦ δὲ τιθέμενος εἶ γνόμεν ἔχε τὰ τῶν ἀντιπολέμων μὴ ἐπλέγεσθαι

πρήγματα, τῆ τε στήσονται τὸν πόλεμον τὰ τε ποιήσουσι ὅσοι τε πλῆθός εἰσι. Ἴκανοὶ γὰρ ἐκεῖνοί γε αὐτοὶ ἐωυτῶν πέρι φροντίζειν εἰσί, ἡμεῖς δὲ ἡμέων ὡσαύτως). O divórcio entre os dois lados do conflito, coroado pelo desprezo olímpico dos Persas face ao inimigo a defrontar, projecta-se, acutilante, desta recomendação. Nem mesmo a dolorosa experiência das dificuldades vividas em Maratona ou nas Termópilas trouxe conhecimento ou, pelo menos, a necessidade de reflexão. A autoconfiança mantinha-se incólume e destrutiva. Que reacção poderíamos esperar do soberano? Inútil confirmar que Xerxes aplaudiu e aderiu com facilidade à argumentação de Aquémenes. É certo que elogiou a sabedoria de Demarato, os seus bons conselhos comprovados já pelos acontecimentos; para o proteger de invejas ou denúncias, deu-lhe mesmo o título honorífico de ‘hóspede real’. Mas a sobrançeria não lhe permitiu ir além de uma magnanimidade superior.

Logo a narração continua com o catálogo dos navios gregos (8. 1), que se reuniram no Artemísio, onde, em simetria com o ocorrido com as forças de terra nas Termópilas, se preparava o primeiro recontro naval. No entanto, Immerwahr¹⁷ releva a forma como, para além de diversos paralelos, o comportamento grego se orientou por mentalidades diferentes nos dois recontros: realista, pela habilidade empenhada, o papel dos Atenenses no Artemísio, valoroso, pela resistência mais directa e frontal com que actuaram, o dos Espartanos nas Termópilas. Também no mar o temor e a tendência para a retirada despertou entre os Gregos, perante o avanço ameaçador do inimigo. Como antes coubera ao espartano Leónidas manter a coesão e organizar a resistência, igual papel foi agora o de Temístocles¹⁸. Era chegada a hora da *aristeia* ateniense. A euforia persa tinha-se revitalizado, esquecidos já os desaires anteriores. Mas para o leitor de Heródoto a simetria com tantas outras situações já vividas pelo conquistador persa é flagrante. Colheu primeiro informações sumárias (πυθόμενοι, 8. 6) sobre o número de navios que o aguardava já no Artemísio e a ideia de que eram poucos fortaleceu-lhe o ânimo a todas as fantasias. A visão de conjunto que veio confirmar o que sabia (αὐτοὶ ἰδόντες, 8. 6) estimulou-o,

¹⁷ *Form and thought in Herodotus*, p. 259.

¹⁸ J. A. S. Evans (*Herodotus, Explorer of the past*, Princeton, 1991, p. 76) faz uma aproximação entre o papel de Mardónio, como incentivador à investida persa, e o de Temístocles, como a força de coesão para a resistência. Nem um nem outro agiram isentos de razões ou de objectivos pessoais; mas a sua actuação política e estratégica primou pela determinação e pela coerência em todos os momentos.

sem mais reticências, a empolgar-se (πρόθυμοι ἦσαν, 8. 6) no desejo da arremetida e da aniquilação. Se algum receio o assaltou foi o de que o adversário, ao vê-lo também, tivesse a reacção inversa, a de se assustar e fugir. E Heródoto repete esta ideia de fuga de uma forma particularmente insistente, dando a medida do que se tornou uma espécie de obsessão no espírito dos Persas, que bloqueasse qualquer outra análise da situação: ‘Não vá que os Gregos, ao vê-los avançar, não optassem pela fuga e que a essa fuga a noite viesse dar cobertura. Porque é evidente que não deixariam de tentar a fuga; e importava – no dizer deles – que nem mesmo o portador do facho fugisse e se pusesse a salvo’ (μή πως ἰδόντες οἱ Ἕλληνες προσπλέοντας ἐς φυγὴν ὀρμήσειαν φεύγοντάς τε εὐφρόνη καταλαμβάνη. Καὶ ἔμελλον φεύξεσθαι, ἔδει δὲ μηδὲ πυρφόρον τῶ ἐκείνων λόγῳ ἐκφυγόντα περιγενέσθαι, 8. 6). Toda a estratégia que então previram baseou-se nesta premissa: que posições assumir para barrar a fuga do inimigo? Sucedeu-se-lhe o destacamento de um bloco de navios que circundasse o adversário para o surpreender da retaguarda, quando simultaneamente o avanço frontal se desencadeasse. Tranquilos, apenas atentos aos seus próprios movimentos como previra Aquémenes, os Persas não contaram com o opositor; decidiram um tempo de espera, para dar lugar ao périplo dos que para tal tinham sido destacados, e relaxaram, como se deles apenas dependesse a prossecução do conflito. Um imponderável veio arruinar-lhes todo o projecto: Cílias, o mergulhador, desertou da armada persa a refugiar-se entre a frota rival, a quem comunicou todo o plano executado pelas forças de Xerxes (8. 8) e, detentores dessa informação, os Gregos desde logo se organizaram. Já o factor conhecimento preparava um reequilíbrio de forças, neutralizando a vantagem numérica. Depois de algum tempo de espera e de ponderação, os Gregos optaram pela atitude mais surpreendente: a iniciativa do ataque. As palavras com que Heródoto regista a surpresa persa são expressivas: ‘Ao vê-los passar ao ataque, com um número de barcos insignificante, as tropas de Xerxes e os seus comandantes consideraram-nos completamente loucos’ (8. 10). De imediato os cercaram, valendo-se da superioridade numérica que lhes assistia. Um primeiro recontro provocou baixas e capturas de parte a parte, sem denunciar uma vantagem indiscutível fosse de que lado fosse; o que, para as pretensões de Xerxes, era já por si um rude golpe (‘com um resultado muito diverso da sua expectativa’, πολλὸν παρὰ δόξαν ἀγωνισάμενοι, 8. 11). Mas outros imprevistos vieram afundar o moral, há pouco tão eufórico, do invasor: nova tempestade se abateu sobre os barcos, revolvendo agora nas ondas escurecidas do mar cadáveres e despojos do confronto recente. Rodeados de desastre e de

morte, os Persas cederam ao terror. Se o que os seus olhos, em pleno dia, captaram lhes permitiu todos os sonhos risonhos, o que pelos ouvidos lhes chegava, na calada da noite, deixou-os arrasados. Se o susto liquidou as forças orientais destinadas ao ataque frontal, pior sorte tiveram ainda os navios que torneavam Eubeia, para uma investida pela retaguarda, que, na desprotecção do mar aberto, foram de todo destruídos pela tempestade. Em jeito de balanço final, Heródoto põe a divindade à frente dos acontecimentos; se algum critério guiou os deuses na aplicação da justiça, esse foi também o do número, como se até os olímpicos tivessem aceitado as regras do jogo activadas pelos mortais: se forças divinas semearam tal destruição, ‘foi para que as tropas persas se equilibrassem com as gregas e não fosse de grande monta a vantagem que detinham’ (8. 13). Funcionou o encontro do Artemísio como um preâmbulo a Salamina, que os deuses usaram para reequacionar as forças em confronto. Não sem que tenha ficado de novo visível a quota de responsabilidade que assistiu também aos guerreiros, os Persas claudicando na sua incorrigível arrogância e cegueira, os Gregos valendo-se de uma coragem indômita e inteligente.

Antes de retirarem, após este desfecho, os Gregos, por influência de Temístocles, tomaram medidas com vista a prosseguimentos futuros. Procuraram, com uma mensagem gravada em pedra que deixaram no Artemísio, motivar os Iónios integrados nas forças persas a abandonarem o ataque contra os seus irmãos gregos. Mais uma vez se cumpria a previsão de Artabano e as legítimas dúvidas que colocara sobre a posição dos Gregos da Ásia (cf. *supra* p. 22-23); como na retirada de Dario da Cítia, aos Iónios era dada a palavra decisiva no futuro da expedição. E ainda uma vez atraíçaram os interesses comuns dos Gregos (8. 85), porque poucos acolheram a recomendação que lhes era deixada.

Enquanto um breve espaço se intercalava entre os combates, outra oportunidade de informação e de mútuo conhecimento se abria. Desta vez a Xerxes era comunicada a celebração, em tempo de tréguas, dos jogos olímpicos (8. 26). Este, que é um quadro de paz, em nada desmerece do comportamento do mesmo povo em tempo de guerra. Portanto para Xerxes a eterna incompreensão subsiste. Foi agora o prémio reservado ao vencedor que o deixou surpreso: em vez de uma distinção preciosa, uma simples coroa de folhagem. O chefe de um império, rico e luxuoso, não pôde compreender tal modéstia, nem mesmo quando um dos seus homens de confiança lha interpretou com perspicácia: ‘Deus meu, Mardónio, que homens são estes contra quem nos trouxeste a combater? Homens que não lutam pela posse de riquezas, mas em

nome do simples mérito?!’ (8. 26). Mas, como sempre, o sentido dos ideais, abstractos e impalpáveis, escapava ao materialismo oriental.

A marcha persa contra a Grécia prosseguia, assustadora, ferindo, com sucesso variável, os pontos vitais do mundo helénico: Delfos fora um desastre para o atacante, mas Atenas jazia, feita em fumo. Pouco parecia haver mais a discutir, não fosse a determinação dos invadidos. Reunidas em Salamina as forças navais, reforçadas em relação ao Artemísio, outro debate se instalou entre os Gregos sobre a determinação do lugar onde defrontar outra vez o inimigo. Apesar de uma preferência quase unânime pelo Istmo, Temístocles arvorou-se em campeão daqueles que viam em Salamina o enquadramento ideal para um combate que não tardava. A somar ao verdadeiro argumento – o de manter unidas as forças aí aquarteladas –, pormenores de estratégia voltaram à discussão. O almirante de Atenas fez valer trunfos antes experimentados com sucesso (8. 60): a vantagem de um lugar estreito onde navios escassos e pouco ágeis se podiam impor; para além de se manter o inimigo afastado de outros pontos vitais da resistência. Consciente da sensatez das suas razões, Temístocles repetiu a lição em toda a crise nunca desmentida: ‘Quando os homens tomam decisões razoáveis, o que acontece na maior parte dos casos é o sucesso; mas quando não são razoáveis as decisões tomadas, tal não acontece, nem os deuses se associam à vontade dos homens’ (οἰκότα μὲν νυν βουλευομένοισι ἀνθρώποισι ὡς τὸ ἐπίπαν ἐθέλει εἶ γίνεσθαι. Μὴ δὲ οἰκότα βουλευομένοισι οὐκ ἐθέλει, οὐδὲ ὁ θεὸς προσχωρεῖ πρὸς τὰς ἀνθρωπίνης γνώμας, 8. 60). Mais uma vez se reconhecia, nos acontecimentos, a prioridade dada à decisão humana, que cabe aos deuses secundar. Do sucesso é σωφροσύνη a primeira e decisiva garantia.

Foi uma armada persa fortalecida com novos aliados a que se aproximou de Salamina para um combate definitivo. Antes, porém, também outro conselho se reuniu do lado persa para discutir da sua oportunidade. Sendo quase unânime a opinião que insistia no combate, uma só voz se ergueu para a contestar: a de Artemísia, rainha de Halicarnasso (8. 68). Ainda que aliada de Xerxes, esta mulher desde sempre revestiu atitudes e comportamentos próprios do νόμος grego como ele é delineado nas *Histórias*: parca no número de barcos, a contribuição desta aliança valeu sobretudo pela perspicácia do conselho. Era chegado o momento de Artemísia fazer valer os seus créditos. A essência da sua mensagem estava na moderação: Xerxes conquistara já o que pretendia, quase toda a Grécia, Atenas em particular. O Peloponeso aguardava ainda uma investida. Para quê então perder tempo e forças com a armada grega reunida em

Salamina, cuja capacidade de resistência estava naturalmente condenada pela falta de abastecimento? Retê-la no local seria por si só compeli-la a desertar e a extinguir-se. Combater é portanto correr um risco desnecessário para a frota, como para as tropas terrestres que nela encontram apoio. Apesar de saudar a clarividência de Artemísia e a sua dedicação, Xerxes seguiu a opinião da maioria que era, neste caso, a que melhor servia a sua vontade. Confiante nas tradições persas, de que ao rei é devida inteira obediência e submissão, acreditou na sua presença e atenção ao combate como garantia do empenhamento geral; por armas tinha a autoridade e a mirada atenta, capazes de estimular para os melhores resultados a eficácia da sua supremacia numérica (8. 69). O que se vê ou toca, por isso mesmo existe e tem poder.

A mesma ideia – de que era preciso impedir os Gregos de fugir e apanhá-los no local em que se encontravam –, que tudo condicionara no Artemísio, continua a ser decisiva (8. 75). Temístocles, através de um seu emissário de confiança, tratou de a insinuar no terreno rival. Por ironia, a fuga estava agora de facto no projecto de uma maioria de Helenos e, com a sua denúncia secreta, o general ateniense contava com o inimigo para o ajudar a reter em Salamina a frota grega que comandava. Se a Temístocles coube todo o mérito de uma sofisticada engenharia estratégica, a Xerxes coube o papel triste de acreditar sem reservas e de se tornar, como em outras ocasiões, juguete em mãos adversas. A disposição de forças que adoptou a partir destas informações era portanto a do interesse inimigo; a par dos homens, que dispunham com maior ou menor habilidade as pedras do jogo, os oráculos mostravam que os deuses assistiam ao desafio.

Perante a evidência do cerco inimigo, a necessidade de unir forças e de lutar impôs-se a esta assembleia de dissidentes. Mais do que nunca, Heródoto deixa presente a ideia de que, mesmo se orientados por ideais superiores, os Gregos nunca prescindiram totalmente das rivalidades ancestrais que a multiplicidade interna de estados justificava. Mas acima desses interesses, esta guerra impôs-se-lhes como um perigo limite; e foi porque souberam prescindir dos comportamentos habituais, mesmo se com dificuldades constantes, e unir-se nas horas decisivas que o sucesso os não abandonou. Este é também um prémio em disputa neste tremendo agôn: o de saber ceder ou conciliar, onde os Helenos se mostram muito mais maleáveis do que o inflexível poder imperialista persa.

Iniciou-se o combate e, desde logo, a forma como cada campo se organizou produziu resultados. Comenta Heródoto: ‘Como os Gregos combatiam

de forma organizada e em filas, filas que os Bárbaros não conseguiram manter nem fazer qualquer plano de batalha, não poderia deixar de lhes acontecer o que realmente aconteceu' (ἄτε γὰρ τῶν μὲν Ἑλλήνων σὺν κόσμῳ ναυμαχεόντων καὶ κατὰ τάξιν, τῶν δὲ βαρβάρων οὔτε τεταγμένων ἔτι οὔτε σὺν νόῳ ποιούντων οὐδέν, ἔμελλε τοιοῦτο σφί συνοίσεσθαι οἷόν περ ἀπέβη, 8. 86). Com um habilidoso quiasmo, que equaciona a perspicácia e estratégia de cada uma das partes, o autor de *Histórias* patenteia as condições que à partida estabeleceram a sorte das armas. Para logo acrescentar, em termos relativos, um cotejo com a experiência anterior do Artemísio, de que Salamina é a réplica mais dramática. Num ponto as previsões de Xerxes se mostraram bem medidas: no empenho maior que se notou da parte dos seus homens, pelo facto de ele estar presente e de olhos postos na refrega. Como sempre, o respeito pelo rei funcionou (8. 86). Verdadeiramente o fervor dos Persas e seus aliados em mostrar serviço ao soberano tornou-se até excessivo, bloqueando-se mutuamente as embarcações na ânsia de agirem no ângulo de visão de Xerxes (8. 89). Mas, por seu lado, a supervisão do monarca revelou-se totalmente ineficaz: por não saber interpretar o que os seus olhos presenciavam, também não foi capaz de tirar partido dessa vigilância; se houve atenção, faltou de todo inteligência e versatilidade. Como bem conclui Immerwahr¹⁹: 'Temístocles, pela sua habilidade, mostrou-se superior ao poderoso Xerxes, porque soube adaptar-se a circunstâncias que não tinha à vista e assim granjeou o apoio dos deuses'.

Com a vitória cabal obtida em Salamina, os Gregos motivaram o inimigo à retirada da frota. Mas Mardónio, a voz que decidira o rei à aventura grega, assumiu ainda uma última arremetida, sob seu comando pessoal, contra o Peloponeso. Essa campanha terrestre completava a odisseia de Xerxes na Grécia; tal como Salamina prolongara o sucesso precedente no Artemísio, para as Termópilas chegava agora a contrapartida. Assim o sentiu o oráculo de Delfos, que sugeriu aos Lacedemónios o desafio a Mardónio para a desforra da morte de Leónidas (8. 114). Coube pois ao parente do rei levar ao esgotamento o projecto persa, quando Xerxes retirava já como um fugitivo, sobre o rasto dos passos que antes dera como conquistador seguro do sucesso.

Foi portanto iniciativa de Mardónio o conjunto de diligências que precederam esta última campanha. Consultados os oráculos, o persa pensou

¹⁹ *Form and thought in Herodotus*, p. 286.

que deveria atrair à sua causa os Atenienses, agora informado de que eram um povo ‘numeroso e bravo’ (8. 136), com provas dadas no mar. A neutralização deste adversário, que tentou através de um intermediário prestigiado junto dos Atenienses, deixou-o ‘ter esperança’ (κατήλπικε, 8. 136) de que em terra a supremacia era sua. Fazia esta avaliação empiricamente (ἐλογίζετο), jogando com hipóteses nada fundamentadas. O discurso que aos Atenienses dirigiu o seu porta-voz retomava argumentos conhecidos: incentivava os vencedores de Salamina a pactuarem com o inimigo, para assim se desvincularem do destino dos restantes Gregos; com essa cedência ganhariam, por parte dos Persas, o reconhecimento da posse do seu território e a reconstrução dos templos; e chamava a atenção para a clara vantagem numérica do invasor, contra a qual dificilmente se poderia obter uma vitória total (8. 140). Mesmo depois de tão martirizado por sucessivos desastres, o persa mantinha a convicção de uma superioridade ameaçadora, porque avantajado e inesgotável o número de recursos de que dispunha.

Em resposta, os Atenienses insistiram na paixão pela liberdade (8. 143): à πολλαπλησίη δύναμις inimiga resistia a ἐλευθερία grega. Aos Lacedemónios, que se apresentaram no campo das negociações por receio da resposta ateniense à proposta adversária, o povo de Atenas respondeu com os imperativos de νόμος. Se lhes era patente a divergência perante o invasor, tornava-se-lhes também sensível o peso do sentido de etnia, que dita um sentimento de nação. Como Gregos, não poderiam trair nunca a causa daqueles a que eles sólidos os uniam: ‘o mesmo sangue, a mesma língua, templos e sacrifícios comuns, costumes e hábitos semelhantes’ (ἔδὸν θμαιομόν τε καὶ ὁμόγλωσσον, καὶ θεῶν ἰδρύματά τε κοινὰ καὶ θυσίαι ἡθεά τε ὁμότροπα, 8. 144).

Iniciava-se a última etapa da aventura persa na Europa, agora sob a chefia de Mardónio. Depois da retirada de Xerxes, compete ao seu general, de resto o mais fervoroso defensor do projecto, conduzi-lo até ao final, o mesmo é dizer hastear a bandeira imperialista e revestir o ânimo correspondente. Mardónio assumiu o seu papel sem hesitação, para alimentar o sonho ainda optimista do rei, apesar de todas as perdas sofridas; mas também porque a sua certeza da supremacia oriental continuava inteira e inabalável. Porque o espírito que o guiava se não alterou, a condução estratégica do plano seguinte não sofreu qualquer ajuste; prosseguiu baseada na vantagem das forças invasoras em número e em potência. Logo, quando pôs em movimento as forças de terra, numa segunda caminhada contra Atenas, para acentuar a posse já conquistada por Xerxes, os conselhos que alguns Gregos, traidores à causa própria, lhe foram dando,

baseados no pragmatismo e na habilidade, não surtiram efeito. Foi assim que os Tebanos tentaram seduzi-lo para um domínio seguro da Grécia, sem ser necessário o combate (ἀμαχητί, 9. 2). A sugestão que lhe davam era a de minar a grande arma adversária no momento, a coesão de esforços (ὁμοφρενόεντας, 9. 2) que lhe tinha valido já grandes dificuldades. Mais do que a força, recomendavam a astúcia: seduzir pelo suborno e dividir para reinar. Este plano traiçoeiro, mas inteligente, esbarrou com a ambição apaixonada e irracional do persa; comenta Heródoto: ‘Mas ele estava possuído de um desejo irrefreável de se apoderar de Atenas pela segunda vez, por pura imponderação’ (ἀλλ’ οἱ δεινός τις ἐνέστακτο ἕμερος τὰς Ἀθήνας δεύτερα ἐλεῖν, ἅμα μὲν ὑπ’ ἀγνωμοσύνης, 9. 3). Por isso prosseguiu uma marcha inútil contra uma Atenas que encontrou abandonada e indefesa. A mesma teimosia fê-lo repetir, junto dos Atenienses refugiados em Salamina, a proposta de adesão à sua causa compensada pela paz e pela reconstrução, que antes lhes transmitira sem sucesso (9. 4). E o resultado agora obtido não foi animador. A proximidade e o convívio com a actuação grega ao longo do conflito não lhe tinham trazido nenhum conhecimento das condições da guerra.

Frustrado pelos resultados obtidos na Ática, passou à Beócia, onde esperava encontrar um terreno mais favorável, porque plano e amplo, ao uso da cavalaria e, em Tebas, uma cidade amiga (9. 13). Mas foi exactamente em Tebas que um grego, Tersandro, durante um banquete onde se reuniam Persas e Gregos, ouviu do seu companheiro de mesa, um persa ilustre, na hora em que o vinho e o convívio incitavam à confiança, uma avaliação desapassionada das circunstâncias: apesar das aparências, da alegria da festa e da extensão do acampamento persa, a realidade tresandava a derrota e a morte. Perante esta certeza, um homem lúcido teria ainda tempo de se acautelar e de tomar as decisões adequadas: ‘Quero deixar-te a memória da minha opinião, de modo que, por estares avisado, possas tomar a decisão mais conforme com os teus interesses’ (μνημόσυνά τοι γνώμης τῆς ἐμῆς καταλιπέσθαι θέλω, ἵνα καὶ προειδὼς αὐτὸς περὶ σεαυτοῦ βουλευέσθαι ἔχῃς τὰ συμφέροντα, 9. 16). Ao contrário do riso, a reacção habitual em Xerxes quando os momentos mais delicados se lhe perfilavam diante, este súbdito da corte persa coroou o vaticínio com lágrimas abundantes. Por saber – qual Cassandra trágica – que a sua clarividência seria impotente para demover Mardónio. Media-se, pela experiência, a inutilidade do conselho junto de um chefe voluntarioso ou cego de ambição; depois de tantas vozes falhadas, para quê repetir a Mardónio palavras prudentes? Primeiro, porque o que os deuses determinam, não há como evitá-

lo; depois, porque se tornam inúteis quando esbarram com o drama maior da humanidade: 'Porque é este o pior sofrimento com que o homem se defronta, que à sabedoria profunda não assista a autoridade' (ἐχθίστη δὲ ὀδύνη ἐστὶ τῶν ἐν ἀνθρώποισι αὕτη, πολλὰ φρονέοντα μηδεὸς κρατέειν, 9. 16). Com esta confissão derrotista, este homem prudente resumia, antes do desfecho iminente da guerra, interpretações que Heródoto vinha repetindo ao longo de toda a narrativa: se é certo que à vontade dos deuses nada supera, a verdade é que à condição humana condena-a a ignorância que lhe é essencial, sobretudo quando o poder, corruptor do espírito, entra em jogo. Quem o detém, não só tende a perder a lucidez de que seja dotado, como resiste a todas as formas por que a razão se lhe patenteia. Logo o poder condena, aliado que é da cegueira e da incompreensão!

Inventariadas as forças gregas e persas (9. 28-32), chegava a hora final de Plateias. Postados nas margens do Asopo que os separava, os dois exércitos consultavam os adivinhos: aos Gregos, os presságios eram favoráveis, desde que adoptassem a defensiva e não atravessassem o rio – mais uma vez a barreira líquida a demarcar as fronteiras da agressão; do lado persa, os presságios amontoavam-se negativos, não só porque os sacrifícios se revelavam desfavoráveis, como a impetuosidade de Mardónio anunciava borrasca (προθυμεομένῳ μάχης ἄρχειν, 9. 37). Fez-se, alguns dias mais tarde, um conselho entre persas ilustres. Pela voz de Artabazo repetiu-se diante de Mardónio a mesma proposta antes feita pelos Tebanos (cf. *supra* p. 43-44): que se procurasse dividir os Gregos pelo suborno e conquistá-los sem combate (9. 41), proposta indubitavelmente avisada (προειδότης, 9. 41). Contra ela se ergueu a voz de Mardónio, violenta, imponderada e cega: ἰσχυροτέρη τε καὶ ἀγνωμονεστέρα καὶ οὐδαμῶς συγγινωσκομένη (9. 41). E também monolítica e loucamente persistente nos argumentos: o exército persa era de longe mais poderoso do que o grego; importava fazer valer essa vantagem e não dar ao inimigo tempo de se reforçar em homens e de reequilibrar forças; a mensagem enviada pelos deuses através dos adivinhos Mardónio desconheceu-a, para se guiar, fatalmente, pelo que chamou o νόμος dos Persas e combater (νόμῳ τῶ Περσέων χρεωμένους συμβάλλειν, 9. 41). À proposta que fez ninguém ousou opor-se porque nas suas mãos estava também o poder. Como profetizara o conviva persa no banquete de Tebas, Mardónio dispunha da autoridade, não da sabedoria, que, como é pecha humana, não fazem em geral no mesmo indivíduo uma conjugação feliz. A voz prevalecente exprime-a Heródoto por uma simetria quiástica entre Mardónio e Artabazo: o primeiro detinha o poder e

por isso impôs a sua opinião; porque o mesmo poder faltava a Artabazo, detentor da sugestão mais acertada: τούτου δὲ οὕτω δικαιοῦντος ἀντέλεγε οὐδεις ὥστε ἐκράτεε τῇ γνώμῃ. Τὸ γὰρ κράτος εἶχε τῆς στρατιῆς οὗτος ἐκ βασιλέος, ἀλλ' οὐκ Ἀρτάβαζος (9. 42). Já imune a todas as reservas e senhor das vontades que comandava, Mardónio ousou ainda, com suprema arrogância, enviar aos deuses e aos oráculos um último desafio. Quis ouvir, dos comandantes gregos que haviam aderido à sua causa, a confirmação da nulidade dos oráculos que lhe pressagiavam a derrota (9. 42). E como, por ignorância ou por medo, apenas obteve o silêncio, proclamou a sua suprema sabedoria na avaliação das circunstâncias e pressagiu, por conta própria, o desejado sucesso: 'Uma vez que vocês nada sabem ou não se atrevem a dizer, vou falar eu com o conhecimento seguro (εἶ ἔπιστάμενος) que tenho dos factos. (...) De tal modo que, quantos de entre vós forem leais aos Persas, podem alegrar-se, porque levaremos a melhor aos Gregos' (9. 42). Feita esta notória proclamação de sabedoria e sensatez, Mardónio avançou com ordens para o início do combate.

Durante a noite que se interpôs até ao recontro, houve entre os dois campos trocas secretas de informação, que exigiram a revisão das estratégias. Os movimentos que percebeu no inimigo só tiveram o condão de estimular a imaginação de Mardónio, que se sentia já senhor de uma vitória retumbante: ὁ δὲ περιχαρῆς γενόμενος καὶ ἐπαρθεὶς ψυχρῇ νίκῃ (9. 49).

Talvez os deuses se divertissem com as aspirações de Mardónio, porque foi sua a vantagem no início da refrega. Foi então que um grupo de Gregos se reuniu para avaliar a situação, perigosa pela escassez de água e víveres, e para tomar medidas adequadas a uma intervenção rápida. Apenas um factor essencial dificultou a acção grega: as divisões internas que alhearam alguns do seu verdadeiro objectivo, a união perante o inimigo. Foi, em fim de contas, aos Atenienses e Lacedemónios que coube a palavra decisiva na defesa da Grécia. Tornava-se agora evidente no terreno quanto a coesão era importante para a vitória e como era acertada a sugestão que nem Xerxes nem Mardónio tinham querido seguir de dividir para vencer. Ao ver o exército adversário em movimento, Mardónio pensou, uma vez mais, que assistia a uma fuga desesperada; iniciou então, depois de atravessar o rio, uma perseguição automática dos fugitivos. O erro de leitura, somado à travessia do rio proibida pelos deuses, não deixam dúvidas sobre o resultado a esperar da arremetida (9. 59)²⁰. Alertados pela iniciativa do seu chefe, os outros comandantes persas

²⁰ Immerwahr (*op. cit.*, pp. 293-294) estabelece, no entanto, entre esta travessia do Asopo

apressaram-se a imitá-lo, na maior desordem. No entanto, não foi fácil aos Gregos resistirem a semelhante violência, antes que os deuses se decidissem a secundar a sua coragem e determinação. Do lado persa, Heródoto reconhece que havia também ousadia, força e um apetrechamento de qualidade, embora faltasse conhecimento militar e um saber estratégico que não concorria com o do adversário: ἀνεπιστήμονες ἦσαν καὶ οὐκ ὅμοιοι τοῖσι ἐναντίοισι σοφίην (9. 62). Pela vez derradeira, a sabedoria partilhou do desfecho dos acontecimentos. É preciso, no entanto, reconhecer que a acção divina foi, neste caso, decisiva. É a sua intervenção que encaminha para o sucesso uma sequência de manobras militares um tanto confusas do lado grego, num momento em que a acção no campo adversário se traduziu também por uma resistência digna e competente. Mardónio, apesar da bravura demonstrada, pagou aqui o preço dos erros cometidos e da vingança devida ao herói das Termópilas, o espartano Leónidas, para que a vontade divina se cumprisse.

Analisada esta longa sequência de situações por que passou o progresso de um enorme império, sucedida por uma tremenda derrocada, parecem patentes princípios que são constantes na grande visão universal que o historiador possui. Mais do que confrontar homens ou exércitos, este conflito pôs em choque culturas e mentalidades. No que à Europa diz respeito, a diferença a separá-la do inimigo tornou-se evidente. Aos Persas, assistiu a vantagem do número, em marcada desproporção, e a da fortuna material, factores que, pelo seu carácter concreto, mensurável à vista, ganhavam prerrogativas na aparência²¹. No exterior, o potencial persa reunia qualidades para fortalecer a auto-estima dos seus detentores e para criar temor nos adversários.

A este potentado, foram chamados a resistir povos sucessivos, cujos valores, distintos dos Persas, pareciam menores ou secundários. Aos Citas aliavam-se as características do terreno e do modo de vida; aos Gregos, o estímulo dos princípios e ideais.

pelos homens de Mardónio e o mesmo motivo, no seu traçado habitual em Heródoto, algumas diferenças; para este autor, a travessia do rio neste momento está especificamente relacionada com o controle divino da situação. Mardónio, ao ultrapassar o rio, não tomba automaticamente vítima do inimigo; os seus primeiros ataques contra os Espartanos são até coroados de êxito. O motivo do rio não é central na derrota de Mardónio, mas apenas lhe dá início.

²¹ Esta tema vem particularmente avaliado no estudo de D. Konstan, 'Persians, Greeks and Empire', *Arethusa* 20, 1987, pp. 59-73.

Tão diversos na natureza e hábitos, estes povos disputaram entre si o valor da conquista, que para um significava o acréscimo de uma parcela a um grande império, para outros liberdade e defesa de uma cultura própria. Nessa disputa, cada um empenhou o melhor de si; em todas as ocasiões ficou provado que o destino e os deuses não monopolizam os resultados. Aos homens cabe agir, agir de acordo com a sua mentalidade. Mas se o peso do νόμος se mostrar tão condicionante que não permita a adequação às condições concretas de cada circunstância, dificilmente as vantagens resistirão às pressões múltiplas que os conflitos comportam. A autoconvicção que o poder contém, dentro desta perspectiva, é inibidora. Os Persas tinham a vantagem falaz do material, mas obedeciam a um νόμος demasiado opressivo. Mau grado as vozes ou sinais que nunca faltaram junto do monarca ou dos chefes persas, os seus alertas foram, em geral, repudiados, porque conselhos de prudência ou de desistência não combinam com o espírito conquistador por que se regem. Por seu lado, todas as diferenças que registaram no adversário foram tentados a entendê-las como fraquezas ou ridículos. Nunca o conhecimento pleno, o saber, a interpretação inteligente e o aproveitamento das condições se lhes impôs como uma regra.

É verdade que, do lado grego, houve também dificuldades, a concorrência pelo prestígio, que pode levar à traição, a tentação inegável dos interesses e a preocupação egoísta da defesa própria. Foi deste lado flagrante a desunião que o espírito de liberdade permite e que se mostrou um risco em certos momentos. Mesmo assim, se a subserviência se mostrou uma inibição sem remédio, o separatismo, corrigido pela compreensão clara dos objectivos a cumprir, resultou mais fértil em bons resultados. Bastou, ultrapassados os diferendos, a aliança de poucos – sobretudo de Atenienses e de Lacedemónios –, firme e patriótica, para produzir o milagre. Conseguiram assim negar, como diz Konstan²², a principal vantagem inimiga: ‘Porque quantificáveis e extrínsecos, a posse de tais objectos, que se exibem à vista, é a negação da excelência humana ou *arete*’. Em menor número, mas mais ágeis de movimentos e de espírito, os Gregos foram respondendo, nas horas cruciais, pela inteligência. Com ela se defenderam e repudiaram, para os seus limites geográficos, um inimigo temível. Do saldo final impunha-se como verdade iniludível:

‘As empresas bem pensadas são, em geral, coroadas de um feliz desfecho’
(τῶ δὲ εὖ βουλευθέντι πρήγματι τελευτῇ ὡς τὸ ἐπίπαν χρηστὴ ἐθέλει ἐπιγίνεσθαι, 7. 157).

²² *Op. cit.*, p. 67.